



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



Joaquim Manuel de Macedo
Remissão de pecados



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Remissão de pecados

Joaquim Manuel de Macedo

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1870.

Livro Digital nº 863 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Joaquim Manuel de Macedo

(1820 – 1882)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

REMISSÃO DE PECADOS

TEATRO SÃO LUÍS



Anda atualmente em cena neste teatro uma comédia em 5 atos do senhor Doutor Joaquim Manuel de Macedo, a Remissão de pecados. Apesar da designação de comédia, segundo a ideia que geralmente se liga à palavra, não é esta uma composição ligeira principalmente destinada a recrear e divertir, ocupando-se ao mesmo tempo mais ou menos com a reforma dos costumes. A ação é toda dramática, envolvendo paixões fortes e situações violentas.

Remissão de Pecados escreveu o autor no alto da sua comédia, e com efeito encontramos aqui diversos pecados e pecadores remitidos ou perdoados uns pelos outros. Adriano consome no jogo a fortuna que lhe trouxera sua mulher, e quase esquece esta, que é um anjo de virtude e candura, pela louca paixão que lhe inspira uma criatura indigna. Destes dois feíssimos pecados e seus estragos é ele não sabemos se remitido ou remido pelas exortações e dinheiro de Clarimundo. Esta mesma remissão dá ocasião a que Clarimundo, oculto pai de Adriano, reconheça o filho e case com Úrsula, de quem o houvera, oferecendo-nos o quadro de mais dois pecadores perdoados. Apenas se poderia dizer que a remissão de tão grandes pecados é um tanto facilmente obtida.

Escrita no estilo brilhante e muitas vezes sarcástico do senhor Doutor Macedo, a comédia abunda em bons ditos. Tem vários lances que impressionam fortemente, e delineadas por mão experimentada, as cenas sucedem-se naturalmente, mantendo vivo o interesse do espectador.

O primeiro ato passa-se numa casa de jogo, cujos tenebrosos mistérios são desvendados em toda a sua hediondez. É um belo quadro de costumes, em que se patenteiam muitas chagas sociais, entre as quais principiamos a perceber o fio da ação do drama,

Fábio, no intuito de seduzir Helena, esposa de Adriano, já precipitara este na voragem do jogo, e agora forma um pacto infame com o dono da espelunca, Bráulio, que deve fazer com que Dionísia, uma rapariga perdida, que ele faz passar por sua sobrinha, induza Adriano, já apaixonado por ela, a raptá-la, a fim de que o escândalo dado pelo marido aplane o caminho ao sedutor da esposa.

O segundo ato passa-se no salão do Teatro Lírico, cena excelentemente pintada, e que não pode dar senão a melhor ideia do novo pintor do teatro, o senhor Rocha. A vista foi muito aplaudida, e com razão; a perspectiva é de uma ilusão perfeita, e se em alguma coisa peca é por excesso, sendo talvez demasiado o fundo. Aqui Clarimundo, que fora o tutor de Helena, começa a perceber, apesar dos protestos desta, que no casal nem tudo é felicidade. A pobre esposa, resignada e calada, sofre muito, e a vista de Dionísia vem aumentar-lhe o martírio.

Passamos para a casa de Adriano, onde temos uma bela cena entre ele e Helena, que não se queixa de ver esbanjados todos os seus haveres, mas só lamenta ter perdido o amor do esposo. Clarimundo obriga Adriano a prometer-lhe que se regenerará, refazendo pelo trabalho a sua fortuna, e restaurando a felicidade doméstica pelo esquecimento de Dionísia. Não se fiando, porém, muito nas promessas do pecador, ele exige de Cincinato, caráter estouvado, mas franco e leal, que faça desaparecer a rapariga levando-a consigo para qualquer parte.

Para execução deste plano voltamos no 4º ato à casa de jogo, onde o venal Bráulio e a não menos venal Dionísia aceitam sem dificuldade a proposta de Cincinato, que oferece maior quantia do que Fábio prometera. No momento da fuga ainda Cincinato consegue fazer-se substituir por um amigo condescendente, livrando-se assim de um trambolho, e pregando uma peça a Bráulio, que perde o direito ao prêmio, visto quem devera pagar-lho dar-se por traído.

O fim, porém, está alcançado, e removida a serpente, Adriano no 5º ato volta aos braços da esposa. Clarimundo paga-lhe as dívidas,

reconhece-o por filho, casa com Úrsula, como dissemos, e desce o pano, deixando todos felizes e contentes.

Expondo assim rápida e sucintamente o entrecho, é claro que não podíamos reproduzir todas as belezas do drama, derramadas pelo diálogo e pelo encadeamento das cenas. O mesmo desenlace assim exposto poderia talvez não parecer inteiramente satisfatório, mas para bem julgar um drama é mister vê-lo representar, quando é para isso que foi escrito. A representação pode dar-lhe um brilho e um encanto, de que somente com a própria vista se faz ideia. A indiferença do público é o maior inimigo com que lutam as letras; um drama firmado por um nome conhecido deveria despertar em todos a curiosidade de vê-lo ao menos uma vez; ficando então ao gosto de cada um voltar ou não, conforme a composição lhe houvesse agradado.

Cuidadosamente ensaiada e posta em cena com esmero e capricho, a Remissão de pecados foi representada de modo que não pode merecer senão elogios, traduzidos por nós em palavras como o foram pelo público em palmas à cena.

O senhor Furtado Coelho no papel de Cincinato criou um tipo delicioso, mistura feliz de estouvamento com as mais nobres qualidades do coração. Os senhores Amoedo (*Adriano*), Guilherme (*Clarimundo*), Paiva (*Fábio*), Gusmão (*Bráulio*), e as senhoras Leolinda (*Helena*), Rosinha (*Úrsula*), e Virgínia (*Dionísia*) sustentaram bem as suas partes, formando um conjunto que agradou a todos. O senhor Graça no papel de usurário apenas estaria uns cinco minutos em cena, mas foi quanto bastou para arrancar aplausos gerais, tornando notável uma das personagens mais insignificantes do drama.

O autor, assistindo à segunda representação, foi vitoriado pelo público e agradeceu do seu camarote estas demonstrações não só de simpatia, mas também de merecida homenagem ao talento.

PERSONAGENS:

HELENA

ÚRSULA

DIONÍSIA

GERTRUDES

ADRIANO

CLARIMUNDO

CINCINATO

FÁBIO

BRÁULIO

DEMÉTRIO

VENCESLAU

O DR. GONÇALVES

LOURENÇO

SILVEIRA

D. DONALDO

JOSÉ

Criados da casa de jogo: jogadores senhoras e cavalheiros.

A ação se passa na cidade do Rio de Janeiro. Época a atualidade.

ATO I

Sala muito modesta; mesa com candeeiro a querosene; sofá; porta à esquerda, abrindo para aposentos interiores; outra à direita, comunicando com a sala de jogo; portas ao fundo, que abrem para a sala principal que, apenas se vê e onde há piano no qual se ouve tocar e cantar.

CENA I

Bráulio, vindo da direita, Fábio, entrando pelo fundo.

FÁBIO (*para a sala do fundo*)

Cante muito; a sua voz dá-me felicidade. (*A Bráulio*) Como vai a sessão?...

(Conversam ambos à meia voz)

BRÁULIO

Ameaçando tempestade: as cartas arranjaram-se e Dom Donaldto na primeira tripa fez maravilhas: a segunda tripa começou agora.

FÁBIO

As cartas falhas são pois quatro, seis e o rei...

BRÁULIO

E nos baralhos novos, se os pedirem, passam a ser três, dama, e, principalmente, sete e às.

FÁBIO

Sei: e além de mim e do capitão há mais feitos?...

BRÁULIO

Nenhum: não convém estender a confiança mesmo entre os cavalheiros honrados, alguns têm o defeito de dar à língua por gabolice.

FÁBIO

Creio que me demorei bastante para excluir qualquer ideia de conluio; antes, porém, de ir jogar, urge dizer-lhe duas palavras: Adriano...

BRÁULIO

Não chegou até agora...

FÁBIO

Pouco importa: não é mais o jogo, é sua sobrinha que o deve escravizar, e a ocasião para a última cartada é agora; amanhã, ou ao mais tardar depois de amanhã, Dionísia se fará levar daqui por Adriano; depois de amanhã ou nunca.

BRÁULIO

O prazo é muito curto... mas...

FÁBIO

Basta que Dionísia queira e exija: Adriano já não se governa; o senhor sabe o que tem a ganhar; depois de amanhã ou nunca... disponha sua sobrinha... se quiser logo conversaremos; agora tenho pressa. (*Vai-se pela direita*)

CENA II

Bráulio e logo Gertrudes.

BRÁULIO

Gertrudes! (*Entra Gertrudes*) é preciso que Dionísia hoje mesmo obrigue Adriano a estar pronto para levá-la consigo depois de amanhã à noite... e veremos até lá.

GERTRUDES

É coisa feita: o pobre rapaz está pelo beijo... então o senhor Fábio...

BRÁULIO

Acaba de dar-me as suas ordens em tom de meu amo... digo-te que me aborrece muito o ar que ele toma comigo; mas o diabo paga bem.

GERTRUDES

Arranjemos a nossa vida: durma eu quente e ria-se a gente.

BRÁULIO

Rir?... outros talvez podem rir: ele não; confesso... o nosso procedimento... não é bonito; mas o de Fábio é mil vezes pior.

GERTRUDES

E para um homem limpo... de boa sociedade...

BRÁULIO

É de arrepiar os cabelos! arrastou o outro para o jogo, preparou-lhe arteiramente a paixão por Dionísia; fê-lo estragar a fortuna, agora vai manchá-lo com um escândalo público, e apanhando a mísera

esposa um abandono, conseguirá talvez seduzi-la!... e é um homem destes que me fala com tanta altivez!

GERTRUDES

Mas se ele paga bem...

BRÁULIO

Ele? com o dinheiro da irmã... e que me importa?... o certo é que paga; eis o essencial; o mundo é assim... o Sr. Fábio faz dessas, e ainda mais, está lá dentro passando a perna a uma dúzia de jogadores paios, e ganhando de sociedade comigo, que arranjei as cartas, e amanhã há de chamar-me miserável e mesmo canalha, e meia capital do Império o festejará como homem de bem e nobre cavalheiro!... o mundo é assim: arranжемos pois a nossa vida; viva o dinheiro, venha ele como vier; anda, vai pôr Dionísia de sobreaviso... ainda...

GERTRUDES

E já, que aí chega o maldito Quebra-louça: parece que perdeu no jogo... bem feito! (*Vai-se pelo fundo*)

CENA III

Bráulio e Cincinato, que sai da direita, assoviando.

BRÁULIO

Deu o basta, Sr. Cincinato?...

CINCINATO

Questão duvidosa; mas com certeza fico para ceia: faça de conta que é pausa de suspensão; palpite de refrescar; em honra, porém, de meu nome romano, quando deponho a ditadura, pego logo na charrua: acabei de depor o *lasquenet*, quero uma garrafa de cerveja.

BRÁULIO

Vou fazê-lo servir... (*Indo-se e volta à voz de Cincinato*)

CINCINATO

Um momento: sou inimigo das falsificações de nacionalidades; temos tantas latas de sardinhas de Nantes de Jurujuba, tantas caixas de charutos de Havana da Bahia, tantas maravilhas de fora arrançadas cá dentro, como garrafas de cerveja Bass de Liverpool da Rua do Riachuelo, e de Munique mesmo da Baviera da Guarda-Velha; ora, em matéria de cerveja suspendi as garantias do meu patriotismo. Quero uma garrafa de cerveja de Liverpool da Inglaterra.

BRÁULIO

Legítima! na nossa casa não há contrafações.

CINCINATO

Olhe que também não ataco a indústria dos letreiros que é a arte de vender gato por lebre: qual é mesmo o letreiro da sua casa?... “Casa de penhores de objetos de prata, ouro e brilhantes” e aqui há contrafações: atesto na fé do meu título; Cincinato Quebra-louça, assinado por cima de estampilha. Venha a cerveja.

BRÁULIO

Já podia estar servido. *(Indo-se)* Sr. Demétrio! como passou?... *(Cumprimenta e vai-se pela esquerda)*

CENA IV

Cincinato e Demétrio, que entra pelo fundo.

DEMÉTRIO *(cumprimenta)*

Amável Cincinato...

CINCINATO

Adeus, prodígio.

DEMÉTRIO

Que é isso de prodígio?... *(Senta-se à esquerda)*

CINCINATO

Vocês não me chamam quebra-louça?... pela mesma regra eu te chamarei prodígio, e o és, palavra de honra: figurino de Paris no vestir; muçulmano no amor das ninfas mais caras; gastrônomo a romano da decadência; pagodista e jogador, como herdeiro do conde de Monte-Cristo, ofício, benefício, ou fonte de rendimentos não constam do Almanaque de Laemmert: és prodígio ou não és?...
(*Entra um criado trazendo cerveja*)

DEMÉTRIO

Sou um dardo que te atravesse.

(*O criado abre a garrafa*)

CINCINATO

O pior é que os teus parentes prodígios vão abundando muito na capital! como se arranjam vocês?... despesas a abarrotar, receita conhecida zero, déficit jamais!... (*Ao criado*) Não faz espuma, diabo!
(*A Demétrio*) Demétrio, tu deves ser ministro da fazenda...

DEMÉTRIO

Não jogas hoje?...

CINCINATO

Infandum, regina, jubes renovare dolores!...

DEMÉTRIO

Perdeste?...

UMA VOZ (*dentro*)

Levante!

CINCINATO

Aquele grito é de algum caído.

OUTRA VOZ (*dentro*)

Eu sou sete...

FÁBIO (*dentro*)

Eu sou dama.

CINCINATO

Milagre do *lasquet*: o Fábio tornou-se dama.

DEMÉTRIO

Joga por fora. Quem ganha?...

CINCINATO

Prodígio, toma o meu conselho; não joga esta noite. Queres cerveja?... (*Bebe e faz uma careta*) nem por isso.

DEMÉTRIO

Por quê?...

CINCINATO

É que chocou, passando a linha: traficâncias do equador...

DEMÉTRIO

Que me importa o equador?... porque aconselhas a não jogar?

CINCINATO

Ainda caso de astronomia; descobri no horizonte a cauda de um cometa: do tamanho da língua dos lambedores da alfândega.

DEMÉTRIO

Quem é?

CINCINATO

O adventício da penúltima sessão: D. Donaldo Cabalero Salzedo Cuencas da Silva Escalona de los Montes e Pincaros de Hermosa e de las Torres de Calatrava Bivanco de la Mancha Mançanares Barbuda e Rui de Aragão e Castella...

DEMÉTRIO

Basta... o espanhol?... e então?...

CINCINATO

Na primeira tripa lambeu-me trezentos mil réis que fui parando para experimentar... desconfiei da experiência e vim tomar cerveja por consolação...

DEMÉTRIO

E não pensas em desforra?...

CINCINATO

Nada: a desforra é rapariga muito provocadora, mas de ordinário quem vai atrás dela perde-se no caminho...

DEMÉTRIO

Pois eu te mostro como se faz frente ao espanhol (*Vai-se*)

CINCINATO (*seguindo-o até a porta*)

Avante, prodígio! eu fico na retaguarda, que é a guarda reta dos generais prudentes. (*Deita-se no sofá*)

CENA V

Cincinato, que fuma e bebe cerveja, depois Bráulio.

DIONÍSIA (*cantando dentro*)

Casta diva qu'inargente

Queste sacra, etc.

CINCINATO (*acompanhando com a mesma música*)

Bela moça qu'enfeitiças

Esta casa do barato,

Vem, consola o pobre paio

Que pagou bem caro o pato.

DIONÍSIA (*dentro*)

Ah, bello à me ritorna

Del fido, etc.

CINCINATO (*acompanhando*)

Ai, triste, o meu dinheiro
Não volta ao bolso meu;
Consola-me, Dionísia,
Dá-me um beijinho teu.

UMA VOZ (*dentro*)

Levante!

OUTRA VOZ (*dentro*)

É o quinto rei à direita!... faz desconfiar! (*Sussurro*)

BRÁULIO (*entrando*)

Aqueles senhores fazem muita bulha por pouca coisa!

CINCINATO

São republicanos que querem por força o rei à esquerda: é preciso denunciá-los à polícia.

BRÁULIO

E o senhor quer dormir em vez de jogar?...

CINCINATO

Efeitos da harmonia: sua sobrinha por excesso de afinação desafinou-me; ouvindo-a cantar a Casta diva, caí no sofá desafinado, isto é, desafinado no sofá.

BRÁULIO

É lisonja de cavalheiro amável... porém... o senhor não joga mais hoje?...

CINCINATO

Tranquiliza-se; já concorri bastante para o barato: agora tenho outros cuidados... cerimônias à parte e segredo entre nós... ela é deveras sua sobrinha?...

BRÁULIO

Que pergunta! que supõe então o senhor?...

CINCINATO

Em fato de suposições o infinito é direito dos maliciosos; mas, na hipótese do parentesco, leve o diabo quem se arrepender... o Sr. Bráulio quer-me para sobrinho honorário em casamento provisório com a terça parte do barato por dote temporário?...

BRÁULIO

O senhor abusa... e me obrigará talvez a pedir-lhe o favor...

CINCINATO

De não voltar à gaiola onde gorjeia o rouxinol?... veja o que diz, tio Bráulio... é isso?... veja o que diz...

BRÁULIO

Pois é isso.

CINCINATO (*bebe cerveja e levanta-se*)

Ali defronte há um sobrado de dois andares com escritos: amanhã alugo-o e estabeleço ao primeiro andar não uma, porém três sobrinhas, e no segundo *lasquenet* na frente, e *bacarat*, vulgo *pacão*, nos fundos; concorrência dupla no andar de baixo e no andar de cima; condições de supremacia: em baixo as sobrinhas sem tio, em cima o *lasquenet* e o *pacão* sem barato; no primeiro andar vulcões número três, no segundo sorvetes grátis e à vontade para refrigerar. Tio Bráulio, concedo-lhe duas horas para merecer o meu perdão. E tenho dito. Cincinato Quebra-louça assinado por cima de estampilha. (*Vai-se pela direita*)

CENA VI

Bráulio, e logo Dionísia e Gertrudes.

BRÁULIO (*à porta do fundo*)

Vocês não têm peso nem medida: em toda parte mostram o que são.

DIONÍSIA

Não perco nada, mostrando o que sou, porque ainda ninguém me achou feia.

GERTRUDES

Mas que alvoroço é este?...

BRÁULIO

Como é que dás confianças ao Quebra-louça quando estamos quase a ganhar a demanda com Adriano?

DIONÍSIA

É falso: eu a nenhum dou confianças; mas não sei como é que todos as tomam! quanto ao Quebra-louça, além de feio, é rio sem peixe; não me apanha corda.

BRÁULIO

E o atrevimento com que fala de ti?... propôs-me que o tomasse por sobrinho honorário, dando-te a ele em casamento provisório com a terça parte do barato por dote temporário: já se viu zombaria mais insolente?!!

DIONÍSIA (*desatando a rir*)

Ah! ah! ah! ah!

GERTRUDES

Por isso o descarado, quando passa por mim, sempre me trata de mamãe Gertrudes!

DIONÍSIA (*rindo*)

Ah! ah! ah! ah!

BRÁULIO
E ris ainda!

DIONÍSIA
Achei-lhe graça: é pena que o demônio seja tão feio.

UMA VOZ (*dentro*)
E escandaloso! há trapaça evidente!... (*Sussurro*)

LOURENÇO (*dentro*)
Não perdi, roubaram o meu dinheiro!... (*Rindo*)

BRÁULIO (*a Gertrudes*)
Vai tocar! (*Vai-se Gertrudes e logo toca*)

CENA VII

Bráulio, Dionísia, Lourenço e depois Gertrudes.

BRÁULIO
Senhor Lourenço... ainda infeliz esta noite...

LOURENÇO
Infeliz não, roubado! nunca fui jogador! mas... (*olhando Dionísia*) a traição, fingindo-se amor, quis que eu tomasse o jogo por pretexto, e em breve o pretexto se tornou vício e a falsidade depôs a máscara; na sua casa tudo é infame! deixo neste golfão a fortuna que há um ano herdei de meu honrado pai... minha ruína é justo castigo; porque eu recebi a educação da honestidade, e menti a ela vindo aqui manchar-me com duas corrupções!... (*Vai-se arrebatado*)

BRÁULIO (*friamente*)
Amanhã à noite ele volta para jogar.

GERTRUDES (*entrando*)
Que furioso! fugi de medo...

D. DONALDO (*dentro*)

Trezentos mil réis!

UMA VOZ (*dentro*)

Levante.

FÁBIO (*dentro*)

Eu sou rei.

OUTRA VOZ (*dentro*)

Eu sou quatro.

GERTRUDES

Olha que em alguma noite o barato há de te sair caro.

BRÁULIO

Eu não obrigo a jogar.

VOZES (*dentro*)

O rei... quinze sortes!...

OUTRAS VOZES (*dentro*)

Há maço! há maço! venham baralhos novos! (*Rindo*)

CENA VIII

Bráulio, Dionísia, Gertrudes, um criado e logo Silveira.

CRIADO (*correndo*)

Cartas novas...

BRÁULIO

Leva as que estão sobre a mesa do meu quarto. (*Vai-se o criado à esquerda*)

SILVEIRA

Senhor Bráulio... uma palavra (*A um lado*): perdi quanto trazia... filho-família não ousou expor-me a alguma negativa, querendo jogar sob palavra... empreste-me só duzentos mil réis... juro-lhe que em três dias...

BRÁULIO

Filho-família... estamos na mesma; porém... o seu relógio de ouro e o alfinete de brilhantes... note que é somente pelo desejo de servi-lo...

SILVEIRA

Oh! mas amanhã... amanhã... meu pai...

BRÁULIO

E quem lhe diz que não se desfarrará esta noite?... (*Ao criado que passa*) Que levas aí?...

CRIADO

Baralhos novos. (*Vai-se pela direita*)

BRÁULIO

Vê?... cartas novas... a fortuna deve mudar...

SILVEIRA (*tremendo e rápido*)

Aí os tem... (*Dá o relógio e o alfinete*)

BRÁULIO

Em um instante... (*Vai-se pela esquerda*)

VOZES (*dentro*)

Vejam agora!

DEMÉTRIO (*dentro*)

Cincinato! à desforra!

CINCINATO (*dentro*)

Não pegam as bixas: quero ver primeiro como corre a tripa.

DIONÍSIA (*a Silveira tornando-lhe a mão*)

Para que joga?...

SILVEIRA (*confuso e rindo à força*)

Para apostar pelas damas.

GERTRUDES

Que te importa que o senhor jogue ou não?

DIONÍSIA

Tão mocinho e tão bonito devia só amar. (*Com doçura a Silveira*) Não jogue.

BRÁULIO (*voltando e dando a Silveira dinheiro e um papel*)

O dinheiro e a cautela: há de ver que nos juros houve fineza de amigo.

SILVEIRA (*recebendo*)

Obrigado... obrigado... (*Vai-se pela direita*)

DIONÍSIA

Nem se quer me disse adeus... pois que se perca...

BRÁULIO

Deixa o menino, perversa: tratemos de Adriano; Gertrudes já te preveniu do que há?...

DIONÍSIA

Estou ciente: favas contadas... Adriano é minha propriedade; já lhe pus feitiço; depois de amanhã fujo com ele... e, adeus, titio... por três meses pelo menos...

BRÁULIO

Estás bem certa de obrigá-lo a esse extremo?

DIONÍSIA

Certíssima; mas da sua parte não se deixe lograr pelo Fábio que é bisca; olhe: dói-me servir ao trama de semelhante homem... cuidado com ele...

DEMÉTRIO (*dentro*)

O Sr. dom Donaldo tem olhos nas unhas!... (*Rindo*)

D. DONALDO (*dentro*)

Que quer dizer? é uma injúria!...

VOZES (*dentro*)

Não! não! sim! sim! (*Alarido*)

BRÁULIO (*a Gertrudes e Dionísia*)

Vai tocar! vai cantar! e fortíssimo! fortíssimo!...

(*Vai-se Gertrudes; Bráulio detém Dionísia pelo braço, vendo Adriano; Gertrudes toca forte e depois suave ao serenar o ruído*)

CENA IX

Bráulio, que logo se retira, Dionísia, Adriano e Silveira.

BRÁULIO

Senhor Adriano...

ADRIANO

Minha senhora... Sr. Bráulio... chego hoje muito tarde...

BRÁULIO

E vem achar a sessão tumultuosa... porque, não sei...

UMA VOZ (*dentro*)

Ainda!... isto não é verossímil... as cartas foram preparadas... (*Alarido*)

SILVEIRA

Sou uma das vítimas... perdi o que não podia perder; mas é infame quem abusa da boa fé da gente honesta!

(Grande alarido; Silveira atravessa a cena precipitado e vai-se)

ADRIANO

Que desordem!...

BRÁULIO

Perdão... vou seguir este moço para impedir algum ato de desespero. *(Vai-se)*

DIONÍSIA

Onde estive até agora?...

ADRIANO *(aproximando-se)*

Foi-me impossível vir mais cedo.

DIONÍSIA *(afastando-se)*

Atraiçoa ao mesmo tempo a esposa e a mim; a ela não me importa; porém a mim!... onde estive?...

ADRIANO *(querendo tomar-lhe a mão)*

Dionísia.

DIONÍSIA

Não me toque! o senhor me trata indignamente: sinto o seu desprezo na liberdade em que me deixa...

ADRIANO

Ingrata!

DIONÍSIA

Confessei-lhe as misérias da minha vida: porque não se contentou com o meu aviltamento?... para que me falou de amor, e me inspirou amor?... para que me fez chorar arrependida do meu passado!... para que me levou a sonhar com o impossível?...

ADRIANO

Mas eu te adoro, Dionísia!

DIONÍSIA

Que amor é o seu?... amor baixo e vil que me abandona e me condena a ser escrava de outro homem!... isso é amor?... que amor é o seu?

ADRIANO

Queres sabê-lo? é o amor violento e fatal, o amor crime, a paixão raiva! oh! é a pesar meu que te amo... adúltero possesso, eu me prendo a teus pés, demônio de fascinação!... maldigo de ti e te adoro, maldigo deste amor e sou teu escravo!...

DIONÍSIA

Que paixão!... eu porém toda do meu amor quis ser, pedi, peço ainda para ser só tua... só tua... e tu... e o senhor me obriga à mais vil infidelidade; porque me deixa em poder de um falso tio... amante que hoje abomino, e que...

ADRIANO

Ah!... tens razão... é para enlouquecer... mas, Dionísia, eu sou casado... e o dever... as conveniências...

DIONÍSIA

Portanto a minha infâmia e a sua hipocrisia!... não me sujeito a tal abjeção... depois que amei... oh! não me sujeito mais: não me queixo... sou o que sou pelo que fui; é irremediável... mas... sua e de Bráulio... oh!... não! esqueça-me... farei por esquecê-lo...

ADRIANO

Esquecer-te?... eu?... Dionísia, tu me atordoas, me exasperas e sempre me dominas: eu te peço... dá-me algum tempo...

DIONÍSIA

Algun tempo?... para quem o pede?... para Bráulio... ou para si?...
Senhor Adriano, não acha que isto é indigno e vil?...

ADRIANO

Em oito dias te livrarei deste inferno... serás minha só...

DIONÍSIA

Oito dias?... que pressa! amada por Bráulio, posso esperar um ano...

ADRIANO

Dionísia!

DIONÍSIA (*voltando-lhe as costas*)

Boa noite.

ADRIANO

Pois bem será como quiseres... quando quiseres... amanhã à hora da
sesta de Bráulio receber-me-ás e marcaremos o dia...

DIONÍSIA

Amanhã?... sim... venha; mas com a condição de levar-me depois de
amanhã para o teto mais humilde, onde caibamos nós dois... e onde
eu seja tua só... depois de amanhã... veja bem... tua só, meu
Adriano... sim?...

ADRIANO

Oh!... perdição!...

DIONÍSIA (*abrindo os braços*)

Sim, meu Adriano?... sim?... tua só?...

ADRIANO

Sim!... sim!... (*Abraça-a*) tu és como Dejanira e me arrojás ao vulcão!
(*Curva-se, beija-lhe a mão, Dionísia afaga-lhe os cabelos*)

DIONÍSIA

Fica assim!... como és belo! como te amo! como serei feliz!...

ADRIANO

Feiticeira! fazes-me esquecer tudo! eis os pendentos que ontem me pediste. (*Tira do bolso uma caixinha e dá-a*) São do teu gosto?...

DIONÍSIA (*abrindo a caixa*)

Magníficos! para que tão ricos?... não quero que te arruines por mim: lindíssimos!... mas, jura que depois de amanhã...

ADRIANO

Juro-o...

DIONÍSIA (*sorrindo*)

Vem, pois, amanhã à tarde... vem, formoso e feliz ladrão da sesta!... e agora, pobre ladrão da noite, queres beijar-me os olhos que dizes ser tão bonitos?...

ADRIANO

Oh! minha Dionísia!... (*Abraça-a e beija-lhe os olhos*)

CENA X

Dionísia, que vai-se logo, Adriano e Cincinato.

CINCINATO

Eu sou míope: podem continuar que não vejo coisa que me espante.

DIONÍSIA

Ah! (*Vai-se correndo e rindo*)

ADRIANO

Importuno!

CINCINATO

Ainda em cima do serviço que te prestei?... é caso em que água fria na fervura livra de pelação infalível. Esta Dionísia é uma espécie de polvo...

ADRIANO

É uma mulher alucinadora, e irresistível... Cincinato, meu amigo, meu irmão... é a fatalidade!... tem sido e são inúteis os teus conselhos... estou perdido...

CINCINATO

Ainda é tempo.

ADRIANO É muito tarde... a miséria pelo jogo... o frenesi, a loucura pela paixão criminosa... oh! eu sou um desgraçado... eu reconheço o mal que faço e me arrasto para o abismo.

CINCINATO

Não dou um bilhete das barcas Ferry pelo teu juízo... eu quebro louça, porém, assim não.

ADRIANO (*pensando*)

E depois de amanhã... (*Súbito*) vou jogar. (*Indo-se*)

CINCINATO

Hoje não jogas: há mouros na costa; o espanhol apurou a ladroeira: Demétrio e outros já estão a toda isca. Adriano! sê homem! foge desta espelunca... e volta para o lado de tua bela e nobre esposa...

ADRIANO

Para que a lembranças?... sou algoz... eu sei... mas bem vês que desatino...

CINCINATO

Lá o ninho do amor puro... lá beleza, paciência, suavidade, virtudes... aqui... pior! vou caindo na sensibilidade e saio do meu elemento... Adriano! sabes onde estamos?...

ADRIANO

Em uma casa de jogo, cujo empresário é um miserável.

CINCINATO

Sim... casa de jogo magistral. Quadro primeiro: sala da frente iluminada a gás; mobília de mogno e piano de jacarandá; personagens, uma velha que toca, e uma moça que canta; a velha representa o papel de bumbo, pratos e campainhas para não se ouvir da rua a balbúrdia do fundo da casa; a moça namorando de dia e cantando de noite representa o papel de alçapão e isca para apanhar passarinhos.

ADRIANO

Impacientas-me...

(Ruído dentro: soa o piano)

CINCINATO

Em? lá está a velha no ofício. Quadro segundo: esta sala, escarpa do precipício, caminho do inferno, passagem do desespero, gabinete que medeia entre o frontispício da hipocrisia, e o interior da furna do vício, e uma vez por outra em cada noite, gaiola de passarinhos, a quem a moça, que canta, dá abraços e beijos por engodo, e os deixa com água no bico depois de depená-los muito à sua vontade. Exemplo: certo episódio que vi ainda há pouco.

ADRIANO

Cincinato... pensas que algum outro homem...

CINCINATO

Não respondo: porque me perguntas no singular. Quadro terceiro: sala resplendente de luzes e carregada de sombras negras; mesa grande e cercada de jogadores risonhos poucos, turvos muitos, sinistros al-guns, desconfiados todos; se não estão ao pau, estende-se a tripa: é o mesmo; voltam-se as cartas... há pulmões que não respiram... o estrabismo da suspeita entorta todos os olhos... a atmosfera é pesada... ouvem-se juras, insultos, rugidos... rola o dinheiro e evaporam-se fortunas, e na mesa horrível sem que o vejam, sem que o sintam, prepara-se o roubo do amo pelo caixeiro, a perversão do filho-família, que furtará as joias de sua mãe e a firma

de seu pai, a miséria da família pela ruína do seu chefe, a prevaricação do empregado público, a falência inexplicável do negociante, a desonra, a chave da prisão, o punhal ou o revólver do suicida... (*Um jogador atravessa a cena em desespero e vai-se*) Vês aquele que furioso se retira? Adriano! é talvez esposo da mais honesta senhora, a quem reduz à miséria pelo jogo, e a desesperado abandono pela paixão adúltera e vergonhosa...

ADRIANO

Cincinato! (*Sussurro dentro*)

CINCINATO

Escorreguei para o romantismo sentimental, mas volto ao meu elemento no quadro quatro que é o melhor. Quadro quarto: palácio do sono perpétuo na solidão da indolência; na sala do desmazelo há um leito de papoulas, e dorme nele per *omnia secula seculorum*... adivinha quem... (*Sussurro*)

ADRIANO

Quem?

(*Aumenta o sussurro*)

CINCINATO

A polícia.

(*Forte ruído*)

ADRIANO

E tu!... como estás aqui!...

CINCINATO

Eu quebro louça em toda parte. (*Grande ruído*) Oh, lá! gritem sem receio que a polícia dorme sempre como o animal condenado por Maomé! (*Voltando da direita*) O Demétrio já tem um dos olhos vermelho-brasa e o outro azul, como sangue de fidalgo puro.

(Estrepitoso ruído)

ADRIANO

Que tempestade... vou ver...

CINCINATO *(segurando-o)*

Não há de ir...

CENA XI

Adriano, Cincinato e Bráulio; canto e piano, alarido e movimento até o fim do ato.

BRÁULIO

Que é isto? *(Vai à direita, volta à porta do fundo)* Fortíssimo! fortíssimo!... *(A Adriano e Cincinato)* Que homens loucos! *(Ao fundo)* Fortíssimo!...

CINCINATO

Não tenha medo, a polícia não desperta.

BRÁULIO *(ao fundo)*

Fortíssimo! *(Corre à direita e quase o lançam por terra os que saem em tumulto)*

CENA XII

Adriano, Cincinato, Bráulio, D. Donald, Demétrio, Fábio, jogadores: confusão, grita e música até o fim.

D. DONALDO

Caramba!... hei ganhado honestamente.

VOZES

Não! sim! ladrão! é falso! silêncio!

(Vozes encontradas)

DEMÉTRIO

Silêncio! ouçam-me! quero falar! (*Silêncio*). Este homem roubou-nos e deve restituir-nos o nosso dinheiro... aqui está a tripa, onde há cartas falhas... podem examinar... houve além disso feitos e olheiros... e todos viram há pouco a empalmação do... (*Mostrando as cartas*)

D. DONALDO

O senhor mente!...

DEMÉTRIO

Larápio!... (*Atira com o monte de cartas sobre D. Donald, os jogadores seguram e separam os dois: confusão*)

D. DONALDO

Perro! encomenda a tua alma, que eu hei de te matar dez vezes!...

BRÁULIO

A ceia! a ceia está na mesa! a ceia! a ceia!

(*Confusão*)

CINCINATO (*na frente*)

A ceia!... o governo da casa contém os furores da maioria, falando-lhe à barriga! está em regra: a ceia! a ceia!

ATO II

Salão da frente do Teatro Provisório: portas ao fundo comunicando com o corredor dos camarotes da segunda ordem.

CENA I

Fábio e Úrsula, que entram.

FÁBIO

Que é isto, Úrsula?... deixaste arrebatada o camarote, como se fugisses ao bote de uma serpente.

ÚRSULA

Sim... eu vi, não uma serpente, mas um homem que eu supunha bem longe daqui: é ele... eu o reconheci no fundo do camarote de Adriano.

FÁBIO

Quem?...

ÚRSULA

Clarimundo... o antigo tutor de Helena...

FÁBIO

Clarimundo! então chegou hoje no paquete do Rio da Prata: mas... que comoção, Úrsula! estás convulsa... (*Chega uma cadeira*)

ÚRSULA (*sentando-se*)

A surpresa... eu não esperava... oh!... esse homem...

FÁBIO

Tão profunda sensação!... (*Úrsula estremece*) ah! já compreendo: receias que ele venha destruir a minha obra...

ÚRSULA

É isso mesmo... adivinhaste.

FÁBIO

Ora!... enriqueceu muito, negociando no Rio da Prata; mas por último arruinou-se em uma grande e desastrosa especulação: li há poucos dias cartas, em que ele se lastimava do seu infortúnio: pobre como chega não pode salvar Adriano, e por pouco que me auxilies, Helena abandonada pelo marido...

ÚRSULA (*em pé*)

Escuta aqui mesmo e já. (*Olhando em torno*) Meu único irmão, meu único amor na terra, tenho-te amado com fraqueza de mãe... pobre e ocioso, jogador e libertino tens achado alimento para teus vícios na riqueza que herdei de meu marido...

FÁBIO

É melhor deixar esse sermão velho lá para casa.

ÚRSULA

Além do esbanjamento da minha fortuna, um dia me impuseste cruel sacrifício: pretextando intimidade de relações com Adriano, obrigaste-me a procurar a amizade de sua esposa; jurei-te que em outros tempos um abismo de ódio me separara da mãe de Helena: resisti, chorei; porém tu venceste.

FÁBIO

E daí?

ÚRSULA

Oh! pérfido amigo de Adriano, tu me querias para vil instrumento da sedução de sua esposa; colocaste-me na mais triste posição, porque todas as aparências me condenam como tua cúmplice.

FÁBIO

E daí?

ÚRSULA

E a minha consciência também me acusa, porque com o meu ouro pagas a perversão de Adriano, e eu, ainda imprudente, preveni Helena de paixão criminosa de seu marido.

FÁBIO (*rindo*)

E por último propuseste-lhe vir esta noite ao Teatro Provisório, no que Helena conveio logo, porque uma cartinha anônima levada pelo correio urbano já lhe havia anunciado em que camarote poderia ver a rival feliz.

ÚRSULA

Oh! Fábio... tu és mau e me sacrificas sem piedade; agora porém não me submeto mais: eu te peço... por quanto amor me deves, deixa em paz Helena, abafa essa paixão insensata e condenável; liberta-me de um remorso que me punge...

FÁBIO

Estás fora de ti... isso é nervoso, minha irmã...

ÚRSULA

Ingrato que me ridicularizas! vê bem: eu romperei o véu desta intriga... Helena saberá tudo, e ainda mais... eu me compadeço de Adriano, e posso vingar-me de ti, estendendo-lhe mão amiga, e desvendando-lhe os olhos...

FÁBIO

Que revolução!... o simples encontro inesperado de Clarimundo!...

ÚRSULA

Sim... é isso mesmo; Clarimundo conhece as razões da inimizade que houve entre mim e a mãe de Helena, e na fraqueza imperdoável de tua irmã ele veria somente a perversidade do ódio velho... do ódio de além túmulo... do ódio da mulher demônio...

FÁBIO

Tens medo desse homem...

(Aparece Bráulio à porta do fundo)

ÚRSULA

Medo!... oh!... seja medo... supõe o que te parecer... imagina embora que eu me confundo nos turvos segredos dessa sociedade brilhante, onde às vezes se escondem traições e vergonhas nas dobras dos ricos vestidos de seda; mas, eu to disse já, não abusarás mais de mim...

FÁBIO

Isso passa... são recordações da mocidade... pecados veniais do outro tempo...

ÚRSULA

Fábio! tu me insultas!...

FÁBIO

Estamos entendidos: Clarimundo é um inimigo demais, e tu uma aliada de menos; ele, porém, é homem sem dinheiro, baluarte sem pólvora, fortaleza sem soldados, e tu uma alma ingrata que me embaraças a felicidade com os teus casos de consciência. Zombo do inimigo e dispenso a aliada. Agora só preciso de um auxiliar, é Bráulio.

CENA II

Úrsula, que logo se retira, Fábio e Bráulio.

BRÁULIO (*a Úrsula*)

O último dos criados de vossa excelência! (*A Fábio*) Às ordens de vossa senhoria.

FÁBIO (*apresentando*)

O Sr. Bráulio...

ÚRSULA (*saudando com desdém*)

Ah...

FÁBIO

Estava então aí... de perto?...

BRÁULIO

Passava por acaso, quando ouvi pronunciar o meu nome; mas de perto, ou de longe sou como o diabo, acudo logo à primeira evocação.

ÚRSULA (*a Fábio*)

Voltemos ao camarote.

FÁBIO (*a Bráulio*)

Espere-me aqui um instante. (*A Úrsula*) Vamos, Úrsula.

ÚRSULA

Posso ir só. Fique. (*Vai-se*)

FÁBIO

O senhor escutava-nos... confesse.

BRÁULIO

É claro que ainda que estivesse escutando, não faria a confissão; mas eu não disputo o direito da suspeita: vossa senhoria pode pensar o que quiser.

FÁBIO

Não se ofenda: nós somos bons amigos e a sua chegada foi muito oportuna; ontem à noite naquela desordem em que acabou o jogo, não pude informar-me do que sua sobrinha conseguiu de Adriano, e agora é ainda mais urgente...

BRÁULIO

Amanhã à meia noite Adriano me roubará Dionísia.

FÁBIO (*apertando a mão a Bráulio*)

Ah! ainda bem! com tanto que ele não se arrependa.

BRÁULIO

Ele?... está acorrentado pelo coração; mas outra pessoa... talvez...

FÁBIO

Outra pessoa?... quem então poderia arrepender-se?...

BRÁULIO

Eu, por exemplo. Sejam francos: vossa senhoria tem tudo a ganhar e eu muito a arriscar. É certo que já recebi seiscentos mil réis, e que

outro tanto me está garantido e sem dúvida receberei logo que se realizar a hipótese.

FÁBIO

Foi o que ajustamos, e nem eu fiz questão da quantia...

BRÁULIO

É verdade: tenho, porém, calculado que Dionísia vale mais. Dionísia é a minha sereia.

FÁBIO

E voltará ao seu mar, quando ela o quiser.

BRÁULIO

Senhor Fábio; jogo franco e cartas sobre a mesa: eu vou sofrer na reputação da casa... haverá baixa no barato; além disso, o coração da gente é de carne... hei de por força sentir saudades; e, enfim, quem me assegura que Dionísia não se tomará de paixão pelo novo amante?... em caso de dúvida não arrisco por tão pouco a fazenda.

FÁBIO

Como?... e a sua palavra?...

BRÁULIO

Mais um conto de réis e negócio feito. É evidente que preciso de justas compensações.

FÁBIO

É evidente que na hora suprema o senhor põe-me uma faca aos peitos: isto é escandalosamente imoral!

BRÁULIO

Convenho: não me diz nada de novo; ambos nós porém rolamos juntos na imoralidade, razão maior para jogo limpo e cartas sobre a mesa.

FÁBIO

É uma extorsão!.

BRÁULIO

Meu senhor, não se comem trutas a bragas enxutas; além disso, eu não o obrigo a dar-me o dinheiro que peço; pelo contrário, estou pronto a restituir a quantia que já recebi e rompemos a negociação.

FÁBIO

Mas a sua palavra?... a sua palavra?...

BRÁULIO

Ora, Sr. Fábio! pois um homem que se presta a entrar em negócio desta ordem pode ter escrúpulo de faltar ao ajustado?...

FÁBIO

Que franqueza repugnante!

BRÁULIO

Perdão... neste assunto nenhum de nós injuriaria o outro sem injuriar-se... e note bem: eu quero lucrar sem intenção de fazer mal, e vossa senhoria paga para atingir a fins sinistros...

FÁBIO

Senhor Bráulio!...

(Aplausos dentro)

BRÁULIO

Faz-lhe conta o que propus? é resolver até amanhã.

VOZES *(dentro)*

À cena! à cena!...

FÁBIO

Repito... é uma extorsão... e há de arrepender-se da sua má fé...

(Aplausos dentro)

CENA III

Fábio, Bráulio e Cincinato.

BRÁULIO

Que é isto?... Vem o teatro abaixo?...

(Aplausos)

CINCINATO

Não vem abaixo, porque é Provisório, se fosse permanente já tinha caído: o Brasil é o Império das inconseqüências; prova: a permanência do Provisório na Praça da Aclamação.

BRÁULIO

Mas que trunfo é esse?

CINCINATO

Apoteose das pernas postiças de duas dançarinas do Alcazar; é de direito: o canção saiu extraordinariamente da Rua da Vala para aristocratizar-se no campo, e o respeitável quebra as mãos, aplaudindo os pontapés atirados à lua por dois cometas velocípedes do sexo feminino que vão rir pelos calcanhares de tanto entusiasmo por pernas que não são delas.

BRÁULIO

E o senhor fugiu à apoteose?

CINCINATO

Arrepios de inocência e confusões de pudor... as duas ninfas começavam a acalcanhar-me o coração e tive medo de apaixonar-me pelos seus dedos mindinhos.

BRÁULIO

Medo de se apaixonar pelos dedos?

CINCINATO

Sim; mas o medo não era realmente dos dedos... era das unhas.

BRÁULIO

Pois eu vou pedir mais completa informação da apoteose... até logo.

FÁBIO (*baixo a Bráulio*)

Amanhã à hora aprazada receberá o conto de réis. (*Assentimento de Bráulio*)

CINCINATO (*pelo outro lado*)

Cada qual tem os seus segredos... (*A Bráulio*) tio Bráulio! lembranças à prima.

(*Vão-se Bráulio e Fábio*)

CENA IV

Cincinato, Clarimundo e Helena.

CINCINATO

Oh! oh!... Sr. Clarimundo!...

CLARIMUNDO (*abrindo os braços. Abraço apertado*)

Cincinato!...

CINCINATO

Perdão, minha senhora! (*Aperta a mão a Helena*) Mas o Sr. Clarimundo aqui...

CLARIMUNDO

Meu Cincinato! perpétuo Quebra-louça! sempre o mesmo alegrão!... (*Abraça-o outra vez*)

CINCINATO

E sempre quebrando louça, até que a morte me quebre este boião vazio que trago em cima do pescoço e que por costume chamam cabeça, Sr. Clarimundo...

CLARIMUNDO

Haverá três horas que cheguei, e apenas desembarcado, corri imediatamente à tua casa.

CINCINATO

E não me achou... é claro! como sou encontrado em toda parte, era preciso que houvesse um ponto de exceção, onde ninguém me encontrasse: escolhi a minha casa para lugar de ausência; é cômodo e econômico por causa dos amigos: mas o senhor volta remoçado... vendendo saúde.

CLARIMUNDO

E, já o sabes, com a bolsa vazia depois de a ter tido abarrotada! não importa... nunca desanimei; torno ao seio da pátria com esperança de ainda ser feliz; poderei sê-lo?... ardia por falar-te... (*Dominando-se mal*) sobre... sobre aquele meu negócio... aqui é impossível... eu o vejo... mas... uma palavra só... chego a tempo?...

CINCINATO

Antes tarde que nunca... todavia... a fazenda está muito avariada.

CLARIMUNDO

Cincinato... Há caso de contrabando... obrigações não cumpridas... agravação do comércio ilícito, de que o informei... precisamos conversar amanhã...

HELENA

Sem cerimônia... eu esperarei à janela...

CINCINATO

Oh, não, minha senhora; aqui não posso explicar-me com o Sr. Clarimundo; trata-se de negócios comerciais complicados... jogo na praça... baixas de câmbio... contratos secretos... falência eminente...

empresa anônima com letra aberta no banco da pouca... quero dizer da nenhuma vergonha... perdão minha senhora...

CLARIMUNDO

Basta... eu devia ter vindo mais cedo... prenderam-me compromissos... mas... amanhã... amanhã... (*Outro tom*) este desastrado está sempre a doidejar... é o seu costume... (*Aflito*)

HELENA

Nem sempre: colaço de Adriano, tem sido para mim o irmão mais delicado, e o amigo mais respeitoso...

CINCINATO

É que só me apresento a falar-lhe, quando me sinto em horas lúcidas.

CLARIMUNDO

Estarias sempre lúcido, se não fossem as más companhias... oh! as más companhias!... (*Outro tom*) quem são os dois figurões que saíram daqui, quando entrávamos?... vi-os no corredor e pareceu-me reconhecê-los.

CINCINATO

A um sem dúvida conhece: é o mais feliz dos capitalistas; porque sem fonte de renda tem inesgotáveis fundos de reserva nos cofres da fraternidade: é Fábio o irmão de dona Úrsula.

CLARIMUNDO

Fábio!... e o outro?

CINCINATO

O outro lhe é desconhecido: chama-se Bráulio, venerando tio de uma sobrinha de quem não é tio... perdão minha senhora; é o rei do barato; em reino de casa de jogo o barato significa sangria, e o reino é de sanguessugas; porque, além do barato, que é veia aberta, há ali a sobrinha do tio de quem não é sobrinha, e tornando-se prima mesmo de quem não for seu primo... perdão, minha senhora.

HELENA

Como se chama ela?...

CINCINATO

Dionísia (*movimento de Helena*) uma carta de jogo que anda fora do baralho e que às vezes embaralha de modo... não sei como o diga... perdão minha senhora, eu me vejo muito embaralhado para poder explicar... mas ela é na verdade mazela.

HELENA

E formosa, pelo menos bonita?...

CINCINATO

Hoje em dia a beleza tornou-se equívoca... perdão, minha senhora, nem sempre; em regra, porém, misericórdia! pastas de pó de arroz no rosto, no colo, nas espáduas, o diabo em dez tintas enganadoras, e além da caiação e da tinturaria postiços a desnaturar a natureza: a três passos de distância há velhas que arrebatam pelo fulgor da primavera.

CLARIMUNDO

Má língua!

CINCINATO

Acresce que atualmente o belo é o arco-íris combinado com o aleijão: para o aleijão tacões enormes de botinas a empurrar o corpo para diante e anquinhas deformes a puxá-lo para trás; arco-íris em vestido com duas saias, uma azul e outra cor-de-rosa, com apanhados amarelos, enfeites pretos e corpinho cor de agapanto com fitas verdes e rendas brancas, afora os laços monstros e...

HELENA

Mas essa moça... Dionísia...

CINCINATO

Beleza equivoquíssima; em perpétuo *toilette* de carnaval destemperado: tez pálida... rosada... clara... morena a capricho da variedade, cabelos negros... castanhos... cinzentos... louros conforme os dias da semana; é bela? é ponto controverso entre os dias da semana.

CLARIMUNDO

Já tagarelaste demais, e estás estorvando o meu passeio com Helena; vai almoçar comigo amanhã às nove horas precisas... hotel Provenceaux segundo andar.

CINCINATO

Hotel Provenceaux... segundo andar... sem falta, seremos três a almoçar; porque eu sou dois à mesa dos amigos. Minha senhora... (*Aperta a mão de Helena*) Sr. Clarimundo, até amanhã. (*Aperta a mão de Clarimundo*)

CLARIMUNDO

Às nove horas... ou antes...

(*Vai-se Cincinato*)

CENA V

Clarimundo e Helena.

CLARIMUNDO

Excelente mancebo! tipo de lealdade e honra; é pena que desame o trabalho e tão estouvado às vezes se mostre.

HELENA

Vive na abastança com o que possui; não tem ambições e o seu estouvamento a ninguém prejudica; comigo, embora colação de meu marido, leva o respeito a condições de cerimônia, e é um amigo de fidelidade exemplar.

CLARIMUNDO

É, posso dizê-lo; mas... como se acha?...

HELENA

Estou muito melhor...

(Passeiam)

CLARIMUNDO

Vim encontrá-la um pouco abatida... evidentemente padece; quando há três anos fui para o Rio da Prata, deixei-a mais alegre e gozando melhor saúde: não é feliz?...

HELENA

Muito feliz, Adriano... é tão bom para mim!...

CLARIMUNDO

Sabe como estimo seu marido: é um perfeito cavalheiro; mas às vezes entre jovens casados basta a sombra de uma suspeita para anuviar a felicidade.

HELENA *(trêmula)*

Eu confio no amor de meu marido: Adriano me trata com a mais extremosa delicadeza.

CLARIMUNDO

Pareceu-me que se perturbou... eu tenho o direito...

HELENA

Oh! enganou-se, não posso queixar-me de Adriano: sou feliz.

CLARIMUNDO

Seu marido é muito moço e a mocidade é sujeita a imprudentes desvios: mas... eu respondo pelo coração do homem a quem confiei o seu futuro... a sua vida; *(comovido)* se o ímpeto de idade... um erro... alguns dias de desvario... não sei... mas se por acaso Adriano mentiu ao seu dever, a virtude da esposa o regeneraria com o perdão.

HELENA

Por que me diz isto?... eu não deixei ainda transpirar leve desconfiança da lealdade de meu marido... amo e sou amada... que mais posso desejar?...

CLARIMUNDO

Mas responde-me a tremer, e está a ponto de chorar: o leviano sou eu... a ocasião é a mais imprópria...

HELENA

É que estou incomodada... sofro...

CLARIMUNDO

Para que então veio ao teatro?

HELENA

Não devia ter vindo... não devia... tem razão; eu, porém, havia prometido vir à melhor das minhas amigas.

CLARIMUNDO

E quem é a melhor das suas amigas, minha filha?...

HELENA

Dona Úrsula, a senhora viúva, de quem se falou há pouco.

CLARIMUNDO

Ah! conheço-a: podia ser sua mãe; para a melhor das suas amigas é bem desigual em anos: desde quando se relacionou com ela?

HELENA

Há poucos meses. Que pensa de dona Úrsula?...

CLARIMUNDO

Eu?... nem bem, nem mal: apenas a conheci nas sociedades do meu tempo.

HELENA

Ela tem falado de vossa mercê com elogio e estima...

CLARIMUNDO

Santa criatura!... pensei que nem se lembrasse de mim. E... de Adriano... que diz dona Úrsula?...

HELENA (*estremecendo*)

De Adriano!... que poderia ela dizer-me de meu marido?...

CLARIMUNDO

Perguntei por perguntar: e Fábio?... o irmão de dona Úrsula?...

HELENA

Não faço bom juízo dele: tenho-o por fátuo e vaidoso; e, embora Adriano o considere seu amigo, não admito a sua intimidade... apenas o encontro por acaso.

CLARIMUNDO

Penso que procede com acerto, mas nesse proceder quem a inspira?... o instinto da antipatia, o conselho da reflexão, ou... diga a verdade, ou o justo ressentimento da suspeita de uma afronta?...

HELENA

Senhor...

CLARIMUNDO

Muito bem, minha filha: quer voltar ao camarote?...

HELENA

Ainda não; o ar aqui é mais leve, e me reanima: não me acha melhor?... passemos pelo corredor dos camarotes... vamos por este lado...

CLARIMUNDO

O ar ali menos puro... talvez lhe seja nocivo...

HELENA

Não... vamos por ali... quero distrair-me: desejo ver a moça de quem o Sr. Cincinato falou-nos, dizem que é bonita.

CLARIMUNDO

Como sabe que ela está no teatro?...

HELENA (*confundida*)

Como sei?... mas... o Sr. Cincinato nomeou-nos o tio... não se lembra!...

CLARIMUNDO

O tio podia ter vindo só ao teatro: como sabe que o camarote é na segunda ordem e daquele lado?...

HELENA (*mais perturbada*)

Como sei... ora... era fácil sabê-lo... olhavam... (*Quase a chorar*) todos olhavam... todos... adivinhei...

CLARIMUNDO

Minha filha!... minha filha!...

HELENA (*chorando e apoiando o rosto no ombro de Clarimundo*)

Perdão!...

CLARIMUNDO

Perdão... ah! sim! perdão! é perdão que eu te peço!... perdão para ele!...

HELENA

Meu bom pai!... sou muito desgraçada!...

CLARIMUNDO

Adriano chega, dissimula a aflição e conta comigo.

CENA VI

Clarimundo, Helena e Adriano.

ADRIANO

Ah! passeiam... (*Cuidadoso a Helena*) Que tens, Helena?...

HELENA

Ligeiro incômodo... uma vertigem que passou... dá-me uma cadeira... (*Adriano vai buscar a cadeira*) veja o corredor donde ele vem!... (*A Clarimundo*)

ADRIANO (*a Helena que se senta*)

Estás melhor?... dize... estás melhor?... (*Helena encara-o trêmula*) Que tem ela?... (*A olhar*)

HELENA

Estou boa.

CLARIMUNDO

Foi má ideia trazê-la hoje ao teatro... sua mulher estava sofrendo.

ADRIANO

Ela o quis... exigiu... pela primeira vez resistiu aos meus conselhos... eu não queria...

HELENA

Oh! sem a menor dúvida... ele não queria que eu viesse hoje ao teatro... não queria... (*Rir nervoso*) ele não queria!...

CLARIMUNDO

Helena! (*A Adriano*) E prudente levá-la para casa.

ADRIANO

Por certo... (*A Helena*) Helena... vamos?... convém que nos retiremos... precisas descansar...

HELENA

Pensas?

CLARIMUNDO

Oh, senhor! mande chegar o carro... (*Em tom um pouco severo*)
Helena!...

HELENA

Vamos... manda chegar o carro... (*Adriano dirige-se para o lado do camarote de Bráulio*) Oh! não! (*Em pé*) estou boa... quero ficar...

ADRIANO

É impossível... eu vejo que me escondes talvez padecimento sério... procuras poupar-me... e atormentas-me... Sr. Clarimundo, Helena está mais doente do que diz...

CLARIMUNDO

Também o creio; mas é preciso acabar com esta cena que seria ridícula, se não fosse dolorosa... esta sala é de todos... muitos estão passando por aquele corredor... alguns podem entrar aqui, e... seria triste que suspeitassem de uma disputa entre marido e mulher.

ADRIANO

Não há porém disputa...

HELENA

Nem pode haver... nunca... nunca... disputa não... (*A Clarimundo com intenção*) disputa... Não! (*A Adriano*) Adriano, estou muito melhor, eu te peço; consente que eu me demore... é tão bonita a ópera... *Orphée aux enfers*... consente...

ADRIANO (*a Clarimundo*)

Que hei de fazer?...

CLARIMUNDO

Ficar. Helena se apraz de demorar-se nos infernos... faça-lhe o gosto: ela quer ver, contemplar, admirar, e nelar o diabo... pois bem, é capricho de mulher... dá-lhe o gozo envenenado do diabo, e peça a

Deus que também o livre da tentação...

ADRIANO

Chegam dona Úrsula e Fábio...

CLARIMUNDO

Quando eu falava no diabo!... pois não me lembrava estes.

CENA VII

Clarimundo, Helena, Adriano, Úrsula e Fábio.

ÚRSULA

Dona Helena! oh! Sr. Clarimundo! que surpresa feliz!

FÁBIO

Senhor Clarimundo! que fortuna!

CLARIMUNDO

Minha senhora, um velho pajem que volta ao serviço de vossa excelência! Sr. Fábio... *(Aceitando-lhe a mão)*

ÚRSULA

Abençoo pois duas vezes a minha vinda ao teatro esta noite. *(Dá a mão a Clarimundo, que a beija curvando-se)*

ADRIANO *(a Helena)*

Como estás, Helena?...

HELENA *(a Adriano)*

Boa... perfeitamente boa.

CLARIMUNDO

Além da imensa graça de beijar-lhe segunda vez a mão, terei a honra de ir em breve pedir a vossa excelência um favor especial.

ÚRSULA

Um favor? se quiser, eu tomarei o anúncio prévio do pedido por dívida sagrada contraída por mim.

CLARIMUNDO

É o segredo precioso para se ter sempre vinte anos de idade.

ÚRSULA (*a Helena*)

Já viu que lisonjeiro?...

CLARIMUNDO

É vaidade de velho que conserva a vista perfeita.

ÚRSULA

Não zombe: ao menos ainda não me envelheceu o coração; pergunte à dona Helena como a amo.

HELENA

Já lho disse, e também...

CLARIMUNDO

Que vossa excelência tem a memória igualmente jovem... lembra-se muito do passado!... nem se esqueceu de mim...

HELENA

E talvez que isso contribuisse não pouco para a amizade que devo a dona Úrsula...

CLARIMUNDO

Talvez... sim... (*Olhando para Úrsula*)

ÚRSULA

Ah, não! Dona Helena merece tudo por si... o passado e o senhor... nada tem com a amizade que lhe voto...

ADRIANO

Creio que subiu o pano: vamos?...

FÁBIO (*voltando do fundo*)

Não: o pano já tinha subido e acaba de descer: parece que houve novidade... penso que algumas famílias já se estão retirando.
(*Movimento*)

CENA VIII

Clarimundo, Helena, Adriano, Úrsula, Fábio, Cincinato; algumas famílias passam, retirando-se pelo corredor, outras entram no salão; senhoras tomam seus mantos, etc.

CINCINATO

Era o caso de se chamar o médico do inferno...

ADRIANO

Que houve?

CINCINATO

Um ataque de cabeça em Orfeu por ciúme de Júpiter... faniquitos de Eurídice em consequência... e suspensão do espetáculo até outra noite infernal... mas onde está o médico do inferno? é indispensável recorrer a Plutão e Proserpina que o devem conhecer... Plutão e Proserpina... oh! parece que chegam.

CENA IX

Clarimundo, Helena, Adriano, Úrsula, Fábio, Cincinato, Bráulio e Dionísia; movimento de famílias que se retiram e que entram no salão.

BRÁULIO

Que contratempo!... que infelicidade!...

DIONÍSIA

Titio, Eurídice está em perigo de vida?...

CINCINATO

Não se assuste, minha senhora, as Eurídicés são imorríveis. (*Helena avança um passo e chega-se a Úrsula*)

ADRIANO (*a Helena*)

Vamos... vamos... (*Helena tem os olhos em Dionísia*) vamos, Helena... (*Dionísia olha para Helena*)

HELENA (*trêmula*)

Vamos... (*Imóvel e apertando a mão de Úrsula*) Dona Úrsula... vamos... (*Imóvel*)

CLARIMUNDO (*a Helena*)

O meu braço, minha filha... (*Clarimundo toma o braço de Helena, e levaa; saem logo Adriano, Úrsula e Fábio*)

DIONÍSIA

Que olhar me deitou aquela moça!

(*Movimento de repulsão das famílias que se afastam*)

ATO III

Sala decentemente ornada na casa de Adriano: ao lado esquerdo, janelas com sacadas de grades de ferro; ao fundo, porta de entrada e porta para o interior da casa; ao lado direito, porta que abre para um gabinete.

CENA I

Adriano, e Helena, reclinada em uma otomana.

ADRIANO

O Sr. Clarimundo mandou-me dizer que vem imediatamente.

HELENA

Para que o incomodaste?

ADRIANO

Ele te ama tanto! E... deixa-me dizer-te, preciso de quem possa ajudar-me contra ti, que fora do teu costume estás teimosa. Vejo que o sono te fez bem, e que te achas muito melhor...

HELENA

Oh! sim... muito melhor... podes sair...

ADRIANO

Quem te fala em sair, minha Helena?... eu queria dizer, que, ainda assim, preciso tranquilizar-me, ouvindo um médico, e tu rebelde, e obstinada...

HELENA

Mas, se não há necessidade de médico!

ADRIANO

Há, passaste uma noite cruel: ansiedade... vômitos, e uma síncope, embora ligeira... isto pode ser grave...

HELENA (*rindo triste*)

Foi contágio... Eurídice desmaiou no teatro e eu em casa: desmaios de comédia.

ADRIANO

Não me fales nesse tom de ironia... não me olhes desse modo tão triste... pareces uma vítima... que serei eu então?...

HELENA

Tu?... eu juro que nunca te ouvi uma palavra acerba, e que advinhas os meus desejos para realizá-los.

ADRIANO

Só isso Helena?...

HELENA

Oh! e muito amor e imensa felicidade te mereci, Adriano!

ADRIANO

Mereceste!... como se não merecesses ainda!... queres fingir-te má?...

HELENA

Por que me fazes falar?... eu não me queixo: se às vezes vês-me triste, é a pesar meu: tem paciência... as senhoras são assim... exigentes demais. Entretanto, diante de estranhos, no teatro, no baile, recebendo visitas... eu me rio... eu me ostento feliz... oh!... (*Com voz alterada*) não basta o véu?...

ADRIANO

O véu!!! Mas... não fales... não te exaltes: sossega.

HELENA (*serena*)

Perdoa-me: poucos casados têm, como tivemos, dois anos de bem aventurança na terra. Vivi dois anos no céu! olha: não vês todos os dias nos espetáculos públicos, nas sociedades tantas senhoras casadas alegres... radiantes... festivas?... fingimento, Adriano! não vês tantos maridos cercado de cuidados e de expansões de amor às esposas? (*Em pé e forte*) falsidade!... o paraíso não passa do respeito devido às conveniências sociais; mas, no segredo do lar, está o tormento de lutas desabridas, às vezes indecorosas, ou, Adriano... o inferno da resignação e do martírio profundo... mundo... horrível!... (*Com fogo*)... – E o meu?... (*Fria*) desculpa, isto é moléstia: estou nervosa... eu falava das outras... de que posso queixar-me? amaste-me; amas-me... e se me não amasses mais, seria pior querer obrigar, o que não se obriga. Tu és bom para mim... e má sou eu... Adriano, estou muito melhor: porque não sais?...

ADRIANO

Tens razão... confesso: no desatino da fatal paixão do jogo eu te esqueço longas noites e frenético esbanjo a fortuna que me trouxeste.

HELENA

E que me importa o jogo?

ADRIANO

Perdão, Helena! arrastei-te à pobreza; mas, eu te juro, não jogarei mais... vou trabalhar...

HELENA

Já maldisse do jogo: hoje, que me importa? rio-me da miséria! queres jogar? falta-te o dinheiro?... dou-te as joias; dou-te os brilhantes que ainda me restam, vende-os e joga... joga... joga...

ADRIANO

Helena!

HELENA

Joga! que me importa o jogo?... oh!... há só uma penúria que a esposa que ama seu marido não pode suportar... é a penúria do amor... e eu te amo, Adriano! eu te amo! e tu, e tu... (*Avançando em desespero*) e tu... e tu...

ADRIANO

Helena!...

HELENA (*terrível e com voz surda*)

Tu amas outra mulher!... amas Dionísia!...

ADRIANO (*leva Helena para a otomana*)

Oh! pobre mártir!... eu te amo!... Helena, minha Helena... (*Em aflição*) porque não morro! (*Abraçando-a*) sossega! eu te adoro sempre! és o meu anjo!...

CLARIMUNDO (*dentro...*)

Vou subindo e entrando sem cerimônia.

ADRIANO

Helena!

HELENA (*em pé e enxugando as lágrimas*)

Podes sair.

CENA II

Adriano, Helena e Clarimundo.

CLARIMUNDO

Vim a correr: adeus Adriano (*Avança e observa*) menina! evidentemente ela passou mal...

ADRIANO

Sofreu muito durante a noite, sofre ainda e teima em não consentir que se chame o médico.

HELENA

É que não vale a pena: tudo passou...

CLARIMUNDO

Não vale a pena? (*Silêncio*) ainda bem: vá descansar um pouco.

HELENA

Dormi três horas... descansei bastante e acho-me forte.

CLARIMUNDO

Então mande-me preparar o almoço, contando com o Cincinato, a quem no hotel deixei recado para vir encontrar-me aqui.

HELENA

Almoçaremos juntos... agradeço-lhe este prazer.

CLARIMUNDO

Quero mais: enquanto se prepara o almoço, vá para o seu toucador: peço-lhe um *toilette* simples, mas elegante, e no penteado aqueles anéis de cabelos soltos, de que eu tanto gostava; talvez não seja moda; é, porém, capricho meu... vá... e muito bonita ao almoço... ande... vá...

HELENA (*rindo*)

Vou já... há de ver que faceirice! (*A Adriano*) Não te constranjas por mim... bem vêes que podes sair... adeus! (*Vai-se*)

CENA III

Adriano e Clarimundo.

ADRIANO

Obrigado! o senhor é o melhor dos médicos para Helena.

CLARIMUNDO

É que ela tem confiança em mim: e o senhor? e tu, Adriano?...

ADRIANO

Precisa perguntá-lo?...

CLARIMUNDO

É claro que afastei Helena, para que ficássemos a sós.

ADRIANO

Ah! e então?...

CLARIMUNDO

Conversemos um pouco. Eu te conheci menino em casa dos pais de Cincinato, a cuja porta foras enjeitado; achaste ali amor e educação, e crescestes bom, honesto e laborioso; apreciando o teu carácter, dei-te há três anos por esposa uma bela jovem, de quem era tutor, Helena, minha filha adotiva, a filha do melhor amigo que tive.

ADRIANO

Entendo... e agora...

CLARIMUNDO

Não vim ralhar; mas é natural que eu te peça contas da fortuna e da felicidade de Helena. Quero poupar-te a confissões penosas. Cheguei ontem, e hoje sei já tudo. Tens perdido em uma casa de

jogo quanto possuías; e tudo quanto possuías, Adriano, era o dote ou a fortuna de tua mulher.

ADRIANO

Tem razão, Sr. Clarimundo; é verdade o que diz.

CLARIMUNDO

Não te confundas: somos dois amigos a conversar com expansão. Eu também fui moço: quebrei a cabeça algumas vezes; mas tu eras um moço velho: como, de repente, enlouqueceste a ponto de te tornares jogador?...

ADRIANO

Ah! foi uma hora de infernal felicidade que me perdeu! eu estava no baile e entrei por curiosidade na sala do jogo... Fábio jogava, e me provocou a imitá-lo.

CLARIMUNDO

Ah! Fábio...

ADRIANO

Sim: desde algumas semanas ele se relacionara comigo...

CLARIMUNDO

E frequentava a tua casa?

ADRIANO

A princípio; mas Helena, aliás já amiga de dona Úrsula, não o recebia com agrado, e o afugentou.

CLARIMUNDO

Por quê? Helena é tão afável...

ADRIANO

Capricho de senhora; antipatiza com ele.

CLARIMUNDO

Ah! então Fábio te provocou a jogar.

ADRIANO

E outros com ele... zombaram da minha resistência... e enfim eu tive como vexame de parecer mesquinho: joguei... tomei as cartas... ganhei... oh!... senti as emoções do jogo... ganhei muito, e levantei-me inebriado... febricitante.

CLARIMUNDO

E depois?...

ADRIANO

Ouvi Fábio e alguns outros emprazarem-se para a noite seguinte em uma casa de jogo... pedi explicações, e exaltei-me ouvindo a descrição desse abismo... oh!... Sr. Clarimundo... eu estava envenenado pelo favor da fortuna... fui jogar e ganhei ainda na primeira noite... depois... depois... eu reduzi minha mulher à miséria e minha reputação de probidade à... à... desgraçado!...

CLARIMUNDO

Pelo trabalho o homem regenera a riqueza perdida: se és capaz de não tornar a jogar... se ainda tens honra no coração, eia! reanima-te. Eu estou pobre: mas tenho amigos... pedirei para mim... e faremos maravilhas; mas... Adriano! és capaz de não jogar?...

ADRIANO

Oh!... sim! eu não jogarei mais; porém, salvar-me... é impossível! caí no fundo do precipício!

CLARIMUNDO

Tem coragem, e tornemos à Helena: tu a olvidaste muito, quando em noite de frenesi queimaste ao jogo a fortuna que ela herdara de seus pais; estou certo, porém, que a amas em dobro, empobrecida por ti.

ADRIANO

Helena... criatura angélica... uma santa...

CLARIMUNDO

Eu estava seguro dos teus sentimentos; o contrário seria horrível... imagina: um mancebo tomar por esposa uma donzela rica, formosa, tesouro de virtudes e de amor, não ter dela a mais leve queixa, a menor dúvida de sua dedicação, e do seu recato... – tens de Helena?

ADRIANO

Meu Deus! não... não... é um anjo...

CLARIMUNDO

E depois de levá-la até perto da fome pelo completo desbarato da sua riqueza na paixão vergonhosa do jogo, amesquinhar suas virtudes, ultrajar sua beleza, assassinar o seu amor, atraíndo-a pelo adultério, aviltando-a pela preferência ou pela competência de uma rival qualquer... talvez mulher indigna... ah! não... não... eu sabia que desse atentado... desse crime tu eras incapaz.

ADRIANO

Basta! basta! (*Correndo à porta e, observando, volta*) eu sinto que me castiga... não me defendo... sou infame algoz... e nos remorsos de uma paixão que me desonra não preciso de juiz que me condene, porque já tenho o meu patíbulo na consciência.

CLARIMUNDO

Desgraçado! e a razão, de que te serve?...

ADRIANO

Os loucos não a têm. Eu não lhe encubro nenhum dos meus ignóbeis erros... insulte-me, despreze-me... está no seu direito: sou um infeliz pervertido...

CLARIMUNDO

Miséria humana! a paixão desvaira o homem: Adriano, eu te desculpo, mas a loucura há de passar e Helena te perdoará. Aproveita a lição da experiência para também seres fácil em perdoar aos outros, desatinos iguais.

ADRIANO

Sim... eu não posso mais ser severo... não há vontade que domine a violência da paixão.

CLARIMUNDO

Bem, meu amigo, o ensejo é o mais oportuno para te confiar o verdadeiro motivo da minha vinda a esta capital. Vamos deixá-la quanto antes: estás enganado sobre a causa da tristeza de Helena.

ADRIANO

Que quer dizer?

CLARIMUNDO

Ânimo e prudência: um amor irresistível... fatal...

ADRIANO

Minha mulher!...

CLARIMUNDO

A infeliz esqueceu o dever... e desassisada... perdão!...

ADRIANO (*lançando-se para a porta*)

Infâmia!...

CLARIMUNDO (*contendo-o e friamente*)

E a paixão que desculpa o adultério?... há pois duas leis diversas para a fidelidade dos esposos?...

(*Silêncio*)

ADRIANO

Oh!... o senhor foi cruel!... meu Deus!... como Helena deve ter sofrido!...

CLARIMUNDO

E é mulher, e a mulher vive só de amor, Adriano!... vê como estás matando Helena!...

ADRIANO

A minha Helena! meu pai! eu vou ser digno dela!... obrigado... o senhor me regenera... obrigado, meu pai!... (*Abraça-o*)

CLARIMUNDO

Teu pai!... pois bem... chama-me assim... Adriano... chama-me teu pai... mas... corrige-te... trabalha... volta a Helena... ouviste... sê bom, meu filho!... eu quero chamar-te meu filho!. (*Profunda comoção: novo abraço*)

CINCINATO (*dentro e batendo palmas*)

Removido do hotel Provenceaux para a casa de Adriano, prevenção: fome de quinze dias.

CENA IV

Adriano, Clarimundo e Cincinato.

CLARIMUNDO

Entra.

CINCINATO (*entrando*)

Perdão, minha senhora... ah! não está presente?... (*Aos dois*)
Cincinato Quebra-louça assinado por cima de estampilha.

ADRIANO (*triste*)

Adeus, Cincinato...

CINCINATO

Cara de lua nova em noite de chuva... não gosto: Sr. Clarimundo... salvo o respeito devido, cara de eclipse visível.

CLARIMUNDO

Compensação: Adriano vai devorar o almoço que nos estava preparado no hotel, enquanto Cincinato almoçará aqui comigo e Helena. Vai, Adriano, deixa-nos.

ADRIANO

Empurram-me para fora de minha casa?...

CINCINATO

Ocasão de ir fazer impunemente travessuras nas casas dos outros. (*Olhando para dentro*) Perdão, minha senhora; ele é incapaz disso... mas vai... hotel Provenceaux, segundo andar... vai, demônio!

ADRIANO

O Sr. Clarimundo quer conversar com Cincinato... eu os deixo... até logo... (*Vai-se*)

CINCINATO (*seguindo-o*)

Isso e o que tu querias era a mesma coisa. (*Volta*) Pobre Adriano!...

CENA V

Clarimundo e Cincinato.

CINCINATO

Como passou a noite?

CLARIMUNDO

Mal: levei a refletir até o amanhecer.

CINCINATO

Eu lho predisse, mas o senhor teimou em aproveitar a noite que a interrupção do espetáculo nos deixara livre... eis como a aproveitou.

CLARIMUNDO

Não perdi de todo o meu tempo: creio que tenho meios de saldar as dívidas de Adriano, se o teu cálculo é exato...

CINCINATO

Certamente; mas se veio com essa intenção para que chegou, chorando pobreza?

CLARIMUNDO

Porque o jogo é um sorvedouro sem fundo, e eu não darei um real, se ele persistir em jogar; mas ainda tenho confiança no seu coração... Adriano se corrigirá...

CINCINATO

E Dionísia?...

CLARIMUNDO

Esse é o perigo que me assusta: uma mulher dissoluta, quando chega a inspirar paixão, é o demônio a fascinar: o homem se corrompe no foco da corrupção... há veneno e embriaguez na taça do vício infrene; refleti toda a noite.

CINCINATO

E então?

CLARIMUNDO

Essas mulheres não amam. Supões que Dionísia ame Adriano?...

CINCINATO

É natural que goste de um rapaz bonito; há de porém dizer-lhe adeus, logo que farejar bolsa vazia.

CLARIMUNDO

E elas têm faro! ainda bem: Dionísia terá sentido a ruína de Adriano. Mudemos de assunto: este me aflige. Ainda não me informei de ti. Como vais de fortuna?

CINCINATO

Idem, sempre idem: quatro moradas de boas casas e cinquenta apólices; setecentos e oitenta mil réis de renda mensal; podia ser mais, se dois amigos não me ajudassem a comer o aluguel das casas.

CLARIMUNDO

Quem são!

CINCINATO

O seguro, e o tesouro público: quanto ao meu sistema financeiro, dez por cento em fundo de reserva, e o mais para a folgança.

CLARIMUNDO

E vida em folia constante...

CINCINATO

Quebra louça imutável sem ir além da receita faço caretas à morte, desfrutando a vida.

CLARIMUNDO

E ainda como dantes fazes estraladas divertidas, tendo em pouco o reparo público?...

CINCINATO

Não está em mim: achando ocasião, quebro-louça.

CLARIMUNDO

Cincinato, podes salvar Adriano, quebrando louça.

CINCINATO

Dois proveitos em um saco? está salvo. Como é a história?...

CLARIMUNDO

É ao teu zelo e às tuas cartas, que devo achar-me hoje aqui...

CINCINATO

Detesto os prefácios, vamos ao essencial.

CLARIMUNDO

Se empalmasses Dionísia... se a roubasses a Adriano?

CINCINATO

Esta só lembra ao diabo; mas tem seu lugar... era de fazer rir às pedras!... mas qual! Ela não cai.

CLARIMUNDO

E o encanto do dinheiro?... de muito dinheiro?...

CINCINATO

Estou pronto a queimar os meus navios: quanto às casas não posso por causa do seguro.

CLARIMUNDO

Não te ofendas... carta branca... despende o que for preciso.

CINCINATO

Mas... o recurso é de inspiração, palavra de honra! o Sr. Clarimundo aproveitou a noite! o caso é de quebrar louça... a Dionísia não é feia... deixo o Adriano de boca aberta, e bato a linda plumagem com a rapariga.

CLARIMUNDO

Salvas teu irmão...

CINCINATO

E no fim de quinze dias faço-me viúvo! é de arrebatat e de encher a cidade com a minha fama; Sr. Clarimundo, ganhei ultimamente ao *lasquet* três contos de réis, que tenho de reserva; se precisar mais, bater-lhe-ei à porta. Vou praticar uma boa ação executada em andamento de maroteira. Esta noite Dionísia fugirá comigo: fica resolvido. Cincinato Quebra-louça assinado por cima de estampilha.

CLARIMUNDO

Serás a nossa providência (*Batem palmas*) pior!

CINCINATO

Pior sem dúvida; porque urge entrar em campanha, e sem almoço não dou contas de mim.

CENA VI

Clarimundo, Cincinato e José, que vai à porta.

CLARIMUNDO

É sem dúvida alguém que procura Adriano, e como ele não está em casa...

CINCINATO

Que seja assim ou protesto: estou rebentando de fome.

CLARIMUNDO *(a José que volta)*

Quem é?...

JOSÉ

O Sr. Fábio que, não encontrando meu senhor em casa, insta por falar já à minha senhora.

CLARIMUNDO

Fábio?... insta...

JOSÉ

Diz que é negócio grave...

CLARIMUNDO

Fábio! *(A José)* diz à senhora que eu e Cincinato saímos, e que voltaremos daqui a uma hora para almoçar. *(Vai-se José)*

CINCINATO

Daqui a uma hora? pela minha parte almoço no caminho.

CLARIMUNDO

Silêncio, entra comigo neste gabinete; a ação é má; as circunstâncias, porém, a desculpam. *(Indo)*

CINCINATO *(seguindo-o)*

Ah!... o senhor também quebra louça!...

(Entram no gabinete)

CENA VII

José, que logo se retira, Fábio e logo Helena.

JOSÉ *(à porta)*

Minha senhora não tarda: queira entrar e sentar-se.

FÁBIO

Assegura-lhe que eu sinto incomodá-la; mas o caso é urgente. *(Vai José)* Minha senhora... *(Vendo Helena)*

HELENA

Senhor Fábio... tenha a bondade de sentar-se. Procurava meu marido?

FÁBIO

Não o encontrei no seu escritório, e sendo indispensável que eu lhe fale quanto antes... se vossa excelência pudesse indicar-me...

HELENA

Infelizmente não posso...

FÁBIO

Vossa excelência não compreende como é lamentável, como pode ser funesta qualquer demora... perdão... sei que vossa excelência não se apraz da minha presença e só um caso extraordinário me obrigaria...

HELENA

Meu marido não está em casa, e ignoro onde o possa encontrar fora do seu escritório.

FÁBIO

Oh! não é por embaraços da minha vida, é por seu próprio marido, que vim sujeitar-me a importunar a vossa excelência... é preciso que ele me fale quanto antes... ocorre um infortúnio... uma contrariedade gravíssima.

HELENA

Em relação a Adriano?...

FÁBIO

A situação é tal que... em desespero talvez vossa excelência ache um recurso em suas amizades... eu devo falar...

HELENA

De que se trata?

FÁBIO

Achando-se em grandes apuros, o Sr. Adriano assinou um depósito de seis contos de réis, que deve restituir amanhã... Tínhamos a promessa de um mês de espera; mas o malvado usurário faltou a ela, e exige o seu dinheiro.

HELENA

E então?...

FÁBIO

O Sr. Adriano... não tem em si aquela quantia... e se não achar quem lhe empreste...

HELENA

As consequências?

FÁBIO

Um depósito... oh! é ao Sr. Adriano que me cumpre falar... (*Como para sair*) minha senhora... minha senhora...

HELENA

Mas... se isto é verdade, eu quero saber tudo...

FÁBIO

Não... não, minha senhora; talvez ainda seja possível...

HELENA

Veio então só para amargurar-me?... eu quero saber...

FÁBIO

Tem razão... e vossa excelência conta prestimosos amigos... e só quem pode impedir a maior desgraça; porque amanhã... a prisão... a desonra...

HELENA

Oh! a prisão de Adriano!...

FÁBIO

Cumpre-me prevenir à vossa excelência que os recursos do Sr. Adriano estão esgotados e que ele não achará quem lhe empreste...

HELENA

Oh! se o Sr. Clarimundo não estivesse em pobreza... os meus brilhantes... mas valem tão pouco... meu Deus!... isso é verdade, senhor...

FÁBIO

Minha senhora, se não tem entre os seus amigos um, que para poupá-la a maior dor, honre a firma de seu marido, habilitando-o para restituir o depósito, resigne-se: o Sr. Adriano deve ocultar-se, fugir hoje mesmo.

HELENA

Fugir?... e a desonra?...

FÁBIO

E a prisão amanhã?

HELENA

Meu marido!... oh!... isto é horrível...

FÁBIO

Confesso: eu não vim procurar o Sr. Adriano; vim prevenir a vossa excelência de que é indispensável obrigá-lo a fugir esta noite...

HELENA

Fugir não!

FÁBIO

Conta pois com algum amigo?... veja bem...

HELENA

Oh! Adriano! meu marido!... (*Cai sentada chorando*)

FÁBIO

Não se consterne... não posso vê-la assim... atenda... minha irmã é rica... muito sua amiga... e basta uma palavra de vossa excelência para que nem mesmo lhe seja preciso passar pelo vexame do pedido... (*Com ternura*)

HELENA (*levantando-se e fugindo*)

Oh!...

FÁBIO

Uma palavra, uma ordem sua, e eu...

(*Helena levanta a cabeça e em silêncio vai até a mesa e toca a campainha*)

FÁBIO

Dona Helena!

CENA VIII

Fábio, Helena e José.

HELENA

Entrega a este senhor o seu chapéu.

(José obedece)

FÁBIO

Minha senhora...

HELENA *(sem olhar estende o braço e aponta com o dedo a porta)*

José! convida este senhor a sair.

(Fábio toma o chapéu e sai arrebatado)

CENA IX

Helena, Clarimundo e Cincinato.

CLARIMUNDO

Filha abençoada!... exulta!...

HELENA *(rompendo em soluços)*

E Adriano!... e meu marido!... *(Nos braços de Clarimundo)*

CLARIMUNDO

Eu o salvarei.

CINCINATO *(de joelhos toma e beija a mão de Helena)*

Perdão, minha senhora! beijo-lhe o santo dedinho indicador que mostrou a porta da rua ao diabo.

ATO IV

A mesma decoração do primeiro ato.

CENA I

Bráulio e Gertrudes.

BRÁULIO

Assim é que é: sessão cheia! pensei que o espanhol me tivesse descreditado a casa, e hoje acudiu ainda mais gente! eu tinha chegado a calcular com a necessidade de mudar de acampamento.

GERTRUDES

Ora... a polícia aqui é tão boa!

BRÁULIO

Em sinal de gratidão não falemos nela.

GERTRUDES

E Dionísia? em que ficamos?...

BRÁULIO

É uma entrosga difícil! quem diria que o Quebra-louça em um abrir e fechar de olhos nos poria em revolução!... três contos de réis!... é um homem de bem: por mim estou resolvido a faltar a palavra ao Fábio, que é um impostor, e tanto mais que se arranja o negócio de modo que me deixam com cara de logrado, o que me serve para desculpar-me com ele.

GERTRUDES

Eu desconfio do Cincinato: é um estroina que se diverte a debicar-me.

BRÁULIO

Ele nos pagará: basta entregá-lo a Dionísia.

GERTRUDES

O pior é que Dionísia tem sua queda para Adriano.

BRÁULIO

Razão demais: isso indica ponta de capricho e ameaça de ligação demorada que não nos convém. O Quebra-louça há de desesperá-la

em três dias, e não será capaz de sofrê-la três semanas: antes de um mês recolheremos Dionísia.

GERTRUDES

Então vou ralar com ela, e convencê-la de que deve preferir o Cincinato. (*Vai a sair*)

BRÁULIO

Ao contrário: vai dizer-lhe cobras e lagartos do Quebra-louça, e sustentar a candidatura de Adriano; mas fala sempre na riqueza do outro: verás que ela muda de parecer: vocês todas são uns demônios de contradição...

GERTRUDES

Ora o Cincinato! quando mal se esperava...

BRÁULIO

É um homem de ouro! paga à vista e ao portador: conquista como César, (*sussurro dentro*) começam...

UMA VOZ (*dentro*)

Basta, Cincinato?

CINCINATO (*dentro*)

Jogo por fora para ter direito aos eclipses: faço um entre-parêntesis para avaliar o que ganhei na tripa.

OUTRA VOZ (*dentro*)

Vai, malvado!

BRÁULIO

Ele chega... deves ir tocar; daqui a pouco fazes Dionísia cantar algum lundu provocador.

CENA II

Bráulio, Cincinato e Gertrudes, que se vai.

CINCINATO

Adeus, mamãe Gertrudes! (*Ao encontrá-la*)

GERTRUDES

Que diabo de homem! (*Vai-se*)

BRÁULIO

Aborreceu-se de jogo?

CINCINATO

Venho triste: feliz no jogo, infeliz no amor; não apostei que não ganhasse... vou perder com a bela Dionísia... não é?...

BRÁULIO

Tenha mais confiança em si: merece muito e sabe querer as coisas; é pena que não procure recomendar-se melhor a Dionísia.

CINCINATO

Eu tomei por caminho a linha reta: procurei chegar ao coração da sobrinha, fazendo escorregar a mão pela bolsa do tio; sou da escola realista: falei claro.

BRÁULIO

E eu lhe respondi que talvez arranjássemos tudo a contento.

CINCINATO

Talvez é o vago e o escuro: talvez é o animal que tem a cabeça escondida no sim, e a cauda enrolada no não. Eu fui mais positivo... no que falei, apresento... olhe... é só para mostrar... (*Abre a carteira e mostra*) seis notas de quinhentos...

BRÁULIO

Novas e bonitas... vejo bem; mas podem se fazer as coisas decentemente... o senhor é escabroso... exprime-se de modo...

CINCINATO

Nítido e transparente: resolva a questão.

BRÁULIO

Dê as suas ordens para que esteja pronto e à nossa porta o carro à meia-noite. Hei de convencer Dionísia.

CINCINATO

Convença-a; porque o carro chegará às onze horas; tenho o costume de preparar a couve antes da carne; mas pelo que me disse haverá em tal caso à sua porta dois carros para o mesmo fim, o de Adriano, e o meu: e se, por engano, a bela Dionísia... olhe, Sr. Bráulio, tudo pode acontecer, menos somente uma coisa...

BRÁULIO

O quê?

CINCINATO

Ficar o senhor com o meu dinheiro, e eu sem a rapariga: declaração formal. Cincinato Quebra-louça assinado por cima de estampilha.

BRÁULIO

Pode estar tranquilo: o senhor trata com um homem de bem.

CINCINATO

Isso está fora de questão; mas, em todo caso, há de ser como lhe disse: três contos de réis à portinhola do carro, estando o passarinho dentro.

BRÁULIO

De acordo; mas... o senhor nem respeita as conveniências...

CINCINATO

Quais? as suas?... e esta! quando lhe vou dar três contos de réis!...

BRÁULIO

Não é isso: é que o senhor nunca namorou seriamente Dionísia... nem mesmo hoje...

CINCINATO

Como é que se namora sério?... o namoro sempre me pareceu passatempo ridículo... eu gosto do positivo.

BRÁULIO

Ajude-me: faça a corte à Dionísia sentimentalmente; ataque-lhe o coração.

CINCINATO

Sentimentalmente, e atacando-lhe o coração?... vá feito: protesto que hei de tocar-lhe na tecla.

BRÁULIO

Sobretudo não comprometa o negócio, fazendo alguma das suas costumadas estúrdias: é o seu único defeito (*Soa o piano em prelúdio*) ouça... creio que ela vai cantar, deixo-lhe o campo livre. (*Vai-se*)

CENA III

Cincinato e, depois do canto, Dionísia.

DIONÍSIA (*cantando dentro: lundu*)

Bonita e marotinha.

Eu sou como andorinha

Que, só, não faz verão.

Voando a sós no espaço,

Cair quero no laço

Que prende o coração.

CINCINATO (*canta*)

Caído e enrabichado

Sou peixe, teu pescado,

Com o anzol no coração.

Não fiques mais sozinha,

Vem cá, minha andorinha,

Vamos fazer verão.

DIONÍSIA (*rindo-se dentro*)

Ah! ah! ah! ah! (*Canta*)

O amor de uma andorinha
Na sombra se amesquinha,
Quer lúcido esplendor.
Voando a sós no espaço,
Só cairei em laço
De enleio encantador.

CINCINATO (*canta*)

Meu laço é um tesouro,
Jóias, brilhante, ouro,
Súcia, teatro, ceia,
Sedas, e até veludo,
Coques, anquinhas, tudo,
E a bolsa sempre cheia.

DIONÍSIA (*canta dentro*)

Sou terna e já me inflama
Aquela viva flama.
Que abrasa o coração:
Pressinto que a andorinha
Não fica mais sozinha.
E vai fazer verão...

CINCINATO (*canta*)

Por mim estou em brasas...
Se queres, bate as asas,
Me deixa ser ladrão;
Vamos tecer um ninho,
Voa, meu passarinho,
Vamos fazer verão.

DIONÍSIA (*dentro*)

Ah! ah! ah! ah! (*Rindo-se*) mamãe, já viu moço mais engraçado!

(Cincinato vai para a frente, mas observa)

GERTRUDES *(dentro)*

Que te importa o moço?... tens às vezes modos que não parecem de uma menina recatada!

(Cincinato põe a mão na boca para conter o riso e vendo que Dionísia vem, tira a carteira e põe-se a contar o dinheiro)

DIONÍSIA *(chegando)*

Ah! era o Sr. Cincinato! que bela voz!

CINCINATO

Minha linda senhora... a sua voz é que é estupenda mesmo quando não canta; mas devo confessar que neste momento me atrapalhou!

DIONÍSIA

Como?...

CINCINATO

Fez-me errar a conta... eu dava balanço no capital e nos lucros desta noite e já não sei, se estava em cinco ou em sete contos... é claro que com a senhora a meu lado não me é possível somar... e ainda menos poderei multiplicar o dinheiro... diminuir há de ser fácil, não acha?...
(Guarda o dinheiro que Dionísia olhava)

DIONÍSIA

O senhor é original.

CINCINATO

Dizem isso: mas eu não creio. Que formosa moça!... *(Toma-lhe a mão)*
Que mãozinha de cetim! *(Beija-a)*

DIONÍSIA

Deveras o senhor ama-me?...

CINCINATO

Com furiosa paixão; eu, porém, sou franco e nítido: não sei alambicar finezas como o feliz Adriano... vou logo direito ao coração, e ao sentimento... encantadora Dionísia! queres ajudar-me a devorar em poucas semanas o miolo desta carteira, e mais três dúzias de contos de réis que tenho depositados no tesouro?... é logo sim ou não para poupar emoções... sim ou não, andorinha?...

DIONÍSIA

O senhor ou brilha pela franqueza, ou perde pela zombaria. Falemos seriamente: que pensa de mim, e como é o seu amor?...

CINCINATO

Penso que tens enganado a cinquenta, e que contas comigo para enganar a cinquenta e um. Eu te adoro apesar disso; mas não respondo pela constância do meu amor... fica a teu cuidado perpetuá-la.

DIONÍSIA

Mas o senhor fala ainda melhor do que canta!

CINCINATO

É que conheço as claves, e canto conforme a letra, e o espírito da música. Proponho-te um acordo filosófico e sentimental: tu amar-me-ás apaixonadamente enquanto eu tiver dinheiro para gastar, ou não te der o vento para outro lado; eu te adorarei, enquanto não me esfriar esta paixão eterna: em caso de arrependimento de qualquer dos dois... bons dias ou boas noites, e viva a liberdade!

DIONÍSIA (*pondo-lhe a mão no ombro*)

És um anjo, meu Cincinato!...

UMA VOZ (*dentro*)

Isto é escandaloso!... (*Sussurro*)

CINCINATO

Aquilo não é conosco; podes tranquilizar-te.

OUTRA VOZ (*dentro*)

Eu jogo franco e liso... cem mil réis!

CINCINATO

Aquilo sim, é comigo; franco e liso.

OUTRA VOZ (*dentro*)

Aceito!

CINCINATO

E tu aceitas, ladrão?

DIONÍSIA

À meia-noite batemos as asas!

CINCINATO

E saudades a Adriano!

DIONÍSIA

Ora!... que bata a outra porta... é um tolo. Adeus! até meia-noite... devo tomar algumas disposições... estou doida por ti. Meu Quebra-louça; conta comigo. (*Dá a mão a Cincinato e vai-se*)

CENA IV

Cincinato, que acompanha Dionísia até a porta, e volta coçando a cabeça, como contrariado, e Demétrio.

DEMÉTRIO

Esta casa é um covil de laráprios! depenaram-me.

CINCINATO

E estão para me depenar: consola-te.

DEMÉTRIO

Acho-me em singular e doloroso embaraço...

CINCINATO

E eu!... nem fazes ideia... estou com uma corda ao pescoço...

DEMÉTRIO

Perdi quatrocentos mil réis...

CINCINATO

E eu daria oitocentos para livrar-me de ganhar certa partida...

DEMÉTRIO

Sofri indigna afronta...

CINCINATO

E eu acho-me dez mil vezes mais afrontado... tenho um pesadelo horrível...

DEMÉTRIO

Quis jogar sob palavra e torceram-me o nariz! foi um insulto!... e quando eu tinha a certeza de ir ganhar!... e quando eu tinha a certeza de ir ganhar!... Cincinato... empresta-me duzentos mil réis? antes da ceia tos restituo.

CINCINATO

Prodígio, não me fales em dinheiro: é coisa que me irrita os nervos; olha, na primeira todos caem; na segunda, só os tolos; na terceira, só os doidos: jurei não passar contigo do segundo grau.

DEMÉTRIO

Por causa de alguns miseráveis centos de mil réis maltratas um amigo que por ti se tem comprometido em não sei quantas alhadas perigosas...

CINCINATO

Tu por mim nunca meteste prego sem estopa... tu... mas... ora esta!... que boa ideia!...

DEMÉTRIO

Empresta-me duzentos mil réis e me acharás pronto sempre a todos os sacrifícios da amizade; emprestamos...

CINCINATO

Pois bem escuta, Prodígio: és capaz de quebrar louça hoje comigo?...

DEMÉTRIO

Sou: é experimentar.

CINCINATO

Não te empresto, dou-te já duzentos mil réis, e com eles ganha ou perde que pouco me importa; mas dez minutos antes da meia-noite a um sinal meu deixarás o jogo, receberás mais trezentos mil réis, e irás com uma bonita rapariga patuscar alguns dias fora da cidade, tendo para o resto desta noite hotel pago, e ceia a espera. Queres?

DEMÉTRIO

Que patifaria é essa?

CINCINATO

A rapariga é de pouco mais ou menos; não há receio de intervenção policial. Os duzentos mil réis já sob compromisso de honra; (*contando o dinheiro*) os trezentos mil réis na hora aprazada... queres?...

DEMÉTRIO

Mas... se não há risco de bulha com a polícia, dinheiro e moça bonita é ouro sobre azul... eu quero...

CINCINATO

E ainda mais uma rapariga de truz e por quem andas de queixo caído...

DEMÉTRIO

Aceito sem restrições: moça e dinheiro aceito.

CINCINATO

Toma, Prodígio; *(dá-lhe o dinheiro)* verás que a estralada é ainda melhor do que imaginas... a rapariga é Dionísia... segredo!

DEMÉTRIO

Oh!... será possível!...

CINCINATO

Facílmo: eu te explicarei tudo, e te darei as necessárias instruções... agora vamos jogar... *(Indo-se)*

DEMÉTRIO

É sublime!... mas explica-me...

CINCINATO

Temos tempo: vamos jogar?

(Vão-se)

CENA V

Fábio e Adriano, que entram.

FÁBIO

Aposto que se eu não chegasse, não deixavas Dionísia?...

ADRIANO

Hoje mesmo jurei não tornar a vê-la, e vim arrebatado cair a seus pés... esta mulher é a minha perdição... ah! se a visses e a ouvisses há pouco... é irresistível.

FÁBIO

Mas pareces aflito...

ADRIANO

Toca a hora de uma ação indigna, que repugna a minha consciência, e a que me arrasta o delírio da paixão; vou insultar publicamente

minha mulher, dando a Dionísia casa e tratamento! É uma revolta contra a sociedade e contra Deus.

FÁBIO

Que puerilidade! até ontem exagerei as proporções e consequências do erro que vais cometer: porque era dever de amigo procurar impedi-lo; mas agora... digo-te a verdade; não praticas uma boa ação; o teu pecado porém é o mais comum dos pecados.

ADRIANO

E Helena?...

FÁBIO

Fará como tantas outras no seu caso: a princípio, lágrimas e desespero, logo depois, consolação nos teatros e bailes.

ADRIANO

Não! eu sinto que a minha traição será fatal a Helena! eu o sinto... e ainda assim... Oh! basta o primeiro passo na ladeira escorregadia das paixões!... imprudente, o homem conta demais consigo... cedendo a capricho insensato, ousa uma vez levar aos lábios a taça do vício... e a embriaguez lhe anula a vontade... deprava-lhe os sentidos... e o escravo do demônio, embalde o clamor da consciência, vai de rojo caminho de opróbrio e de condenação!

FÁBIO

Eu conheço mais de cinquenta maridos que rir-se-iam muito da tua ingenuidade!

ADRIANO

Fábio!

FÁBIO

Tua paixão por Dionísia é talvez um favor da Providência, porque te arrancará ao frenesi do jogo que te arruinou. Trabalharás, e, com o concurso da minha amizade, hás de reerguer o teu crédito abalado

no comércio. Não torna a jogar: tens muito que despende com Dionísia...

ADRIANO

Tens razão; mas jogarei esta noite pela última vez. Meu Deus!... se eu ganhasse muito hoje!

FÁBIO

Adriano, cuidado!

(Sussurro dentro)

ADRIANO

Pesa-me sobre o coração o depósito de seis contos de réis que amanhã não poderei restituir.

FÁBIO

Pela terceira vez te asseguro que o usurário me prometeu a espera de um mês... é negócio concluído...

ADRIANO

Meu amigo, tu me salvas... e nem pensas do que me salvas.

FÁBIO

Vou jogar... se absolutamente queres também fazê-lo, vem.

ADRIANO

Vamos... até a meia-noite... ah! se eu ganhasse muito!...

(Vão-se)

UMA VOZ *(dentro)*

Eu jogo com as cartas viradas... cem mil réis na dama!

CINCINATO *(dentro)*

O dote é provocador; mas eu prefiro ficar solteiro.

CENA VI

Dionísia e Gertrudes.

DIONÍSIA

Coitado! adora-me, como um cãozinho à sua dona! se o outro fosse bonito assim!... o Cincinato é feio que espanta; mas tem a carteira tão cheia que faz gosto ver!

GERTRUDES

E além da carteira tem quarenta casas de sobrado de dois andares para cima...

DIONÍSIA

Diabo do feio! Hei de ser um incêndio que lhe queimará em quarenta dias os quarenta sobrados. Há de me pagar caro o sacrifício do belo Adriano.

GERTRUDES

Esse é que é bom rapaz; já é porém um crivo de dívidas, é uma esteira velha de pobreza.

DIONÍSIA

Pois olhe mamãe, por mim não foi, comigo pouco despendeu: cinco vestidos de seda, um colar de pérolas e outro de brilhantes, dois pares de brincos, e uma flor das mesmas pedras, duas pulseiras, este relógio de ouro, um *toilette* completo de veludo carmesim, um leque de madrepérola, e este pince-nez... creio que não passou daí... eu o amo tanto que trago de memória os seus presentes...

UMA VOZ (*dentro*)

Cinquenta mil réis.

CINCINATO (*dentro*)

Agora sim; eu sou dez.

OUTRA VOZ (*dentro*)

Cincinato joga por fora para pescar de caniço.

CINCINATO (*dentro*)

O pior é que muitas vezes vocês me comem a isca.

GERTRUDES

Cuidado com o Quebra-louça, Dionísia. Vê como ele é ladino...

DIONÍSIA

Está destinado a viver num inferno... começarei por obrigá-lo a convidar Adriano para cear conosco três ou quatro vezes por semana...

CENA VII

Dionísia, Gertrudes e Bráulio.

BRÁULIO

A hora se aproxima... os dois carros já estão à porta. Dionísia, não nos deixes por mais de um mês... eu irei fazer as pazes contigo... tu voltarás.

DIONÍSIA

Desta vez com toda a certeza; porque vou-me com um homem tão feio, que é mesmo de obrigação reduzi-lo em pouco tempo a cambista de teatro.

BRÁULIO

Sangue frio e rapidez na execução da fuga: Fábio não nos atrapalha, porque conta com o negócio, mas Adriano está com os olhos no relógio...

DIONÍSIA

Coitadinho!

BRÁULIO

Dois minutos antes da meia-noite foge; acharás à porta da rua dois carros, sobe para aquele que é puxado por cavalos... olha, não te enganes.

DIONÍSIA

Bem: e depois?

BRÁULIO

O Cincinato, levando o rosto coberto com um lenço branco que é o sinal ajustado, subirá a assentar-se a teu lado... o carro partirá, e... adeus pombinhos! feliz viagem, e boa noite.

DIONÍSIA

Com o diabo do feio!...

BRÁULIO

Que parvoíce! vai cantar, se quiseres: aposto! vamos.

GERTRUDES

Anda, afortunada rapariga! (*Vai-se Bráulio para a esquerda*)

DIONÍSIA (*indo-se e cantando*)

Batendo a linda plumagem

O amante passarinho

Exala ternos queixumes

Com saudades do seu ninho.

(*Vão-se pelo fundo*)

CENA VIII

Cincinato e Demétrio Cincinato olha em torno cuidadoso.

DEMÉTRIO

Ora! quando o vento me soprava!... ganhei só trezentos e vinte mil réis.

CINCINATO

Tens, pois, quinhentos e vinte, e dou-te mais trezentos mil réis; levas dinheiro para oito dias de pagode rasgado: esta noite hotel ainda à minha custa, e amanhã sem falta segue com Dionísia para Petrópolis.

DEMÉTRIO

E se ela não quiser?...

CINCINATO

Mostra-lhe a carteira e verás como ela aplaude o caso. Vai: espera na rua... o lenço branco no rosto... salta para dentro do carro, logo que Dionísia embarcar, e o mais o cocheiro sabe.

DEMÉTRIO

Esta é mesmo de Quebra-louça.

CINCINATO

Vai, feliz substituto! dou-te dinheiro e amor.

DEMÉTRIO

Hás de ver o desempenho!... adeus. (*Vai-se pelo fundo*)

CENA IX

Cincinato e Bráulio.

BRÁULIO

O Demétrio se retira cedo... parece que perdeu.

CINCINATO

Qual! ganhou: não faz ideia que perverso é ele! esta noite incomodou-me muito... digo-lhe que Demétrio e Dionísia se namoram... creio que os apanhei em segredinhos... e com certeza riram-se um para o outro com ar de inteligência!...

BRÁULIO

Dionísia é vaidosa e o senhor é ciumento: não faça caso disso. Ela está perdida pelo senhor; mas... é quase meia-noite: ultimemos a nossa transação particular.

CINCINATO

Os três contos de réis?... conte com eles à porta da rua, e quando Dionísia estiver dentro do carro. Sem o pássaro na gaiola não caio.

BRÁULIO

O senhor duvida da minha probidade? (*Dá meia-noite*) Meia-noite!

CINCINATO

Um minuto para Dionísia descer a escada... e corro...

BRÁULIO

E o meu dinheiro?...

CINCINATO

À porta da rua... venha comigo...

CENA X

Cincinato, Bráulio e Gertrudes.

GERTRUDES

Dionísia foi-se...

CINCINATO

A pontualidade me entenece... vamos...

BRÁULIO

E o meu dinheiro?

CINCINATO

À porta da rua, (*roda um carro*) um carro que parte... oh! vamos!...

(Vão-se Cincinato e Bráulio correndo)

CENA XI

Gertrudes e Adriano.

ADRIANO

Dionísia!...

GERTRUDES

Já desceu: sem dúvida o espera; mas...

ADRIANO

Oh! (*Quer correr e Gertrudes o impede*)

GERTRUDES

Olhe que meu irmão correu a persegui-la... não se deite a perder.

ADRIANO

Deixe-me! ela me espera... (*Partindo*)

CENA XII

Gertrudes, Adriano, Cincinato e Bráulio.

BRÁULIO

É uma infâmia!...

CINCINATO

Patifaria descomunal!... Dionísia fugiu com Demétrio! e o senhor... o senhor... (*Em simulado furor*)

ADRIANO

Dionísia! oh! Dionísia!... (*Vai-se, correndo*)

CENA XIII

Gertrudes, Cincinato e Bráulio.

GERTRUDES

Minha filha!... não entendo...

BRÁULIO

Entende! você é abelha mestra! você entrou nesta pouca vergonha!...

(Gertrudes fica espantada) entrou!...

CINCINATO

E eu!... atraído... ameaçado no meu dinheiro... ferido no coração... o golpe foi profundo... ingrata Dionísia!... fica declarado que ela... e os senhores... firma industrial, Dionísia & Cia me assassinam... fica declarado... Cincinato Quebra-louça assinado por cima de estampilha. *(Cai, fingindo desmaiar)* ah!...

BRÁULIO

E ainda em cima a zombaria!... foi uma conjuração... o senhor me há de pagar!... é um estelionato!...

CENA XIV

Cincinato, Gertrudes, Bráulio, criado apressado.

CRIADO

Com urgência... com urgência... *(Dá uma carta a Bráulio)*

BRÁULIO *(a um lado e Gertrudes lendo pelo ombro de Bráulio)*

“Por amor da bela Dionísia: dentro de meia hora a polícia cercará a sua casa; há denúncia de que aí está jogando um caixeiro que falsificou a firma do amo em letras que descontou na praça. Previna-se: queime este bilhete.” Inda mais esta!... a polícia!... *(Corre para a direita)*

GERTRUDES

Misericórdia!...

CINCINATO *(levantando-se)*

Dionísia foi presa?...

GERTRUDES

Não... não... é a polícia que vem cercar-nos a casa!...

CINCINATO

A polícia?... em casa de jogo?... a velha dormente?... oh! enquanto ela pinta os cabelos, põe as anquinhas, e calça as botinas, eu toco a retirada em passo ordinário sem receio de encontro perseguidor.
(*Vai-se: ansiedade de Gertrudes*)

CENA XV

Gertrudes, Bráulio, Fábio e jogadores todos em susto e desordem, falando precipitados e quase a um tempo.

VOZES

A polícia! a polícia!...

GERTRUDES

A casa já está cercada!

VOZES

Tranque-se a porta!

(*Trancam-se as portas*)

VOZES

O asilo do cidadão é inviolável.

GERTRUDES

Ouço passos na escada.

UM VELHO

Sou oficial da Ordem da Rosa e tenho honras de coronel... não de respeitá-las...

UM JOVEM

É meu pai! é meu pai!...

UMA VOZ

Oh! que desgraça!...

VOZES

Que foi?...

A MESMA VOZ

Um moço atirou-se da janela abaixo!...

VOZES

Infeliz!... é o caixeiro!...

OUTRAS VOZES

Fujamos pelos fundos da casa!...

BRÁULIO

Senhores!... a casa ainda não está cercada...

GRITO GERAL

Fujamos!... (*Corrida geral*)

ATO V

A mesma decoração do terceiro ato.

CENA I

Clarimundo, José que entra, e logo Cincinato.

CLARIMUNDO (*vendo José*)

Enfim!

JOSÉ

O Sr. Doutor já não estava em casa: deixei a carta.

CLARIMUNDO (*Impaciente*)

E Helena poderá esperar?...

CINCINATO (*entrando*)

Boletim da batalha de ontem...

CLARIMUNDO (*a José*)

Vai-te. (*A Cincinato*) Tu aqui?... e essa maldita mulher.

CINCINATO

Estamos livres dela: pensou que fugia comigo e achou-se em caminho com um substituto que arranjei do pé para a mão.

CLARIMUNDO

E Adriano?

CINCINATO

Ainda não voltou?...

CLARIMUNDO

Desde ontem de manhã... o ingrato!... enquanto a esposa ameaçada talvez da morte.

CINCINATO

Dona Helena!

CLARIMUNDO

Passou horrível a noite: o médico deixou-a adormecida ao amanhecer; ela, porém, despertou uma hora depois em novo ataque nervoso, e esperem lá o Doutor!... agora dormiu outra vez... embora... eu quero um médico à sua cabeceira.

CINCINATO

Em dez minutos está servido... (*Tomando o chapéu*)

CLARIMUNDO

Merece confiança? *(Para um carro)*

CINCINATO

É moço; mas vale um velho sábio... um carro... e talvez o médico...

CLARIMUNDO

Que seja... vai buscar o outro... um há de ficar aqui.

CINCINATO

Vou como se fosse em velocípede. *(Vai-se)*

CENA II

Clarimundo, que acompanha Cincinato até a porta – Úrsula.

CLARIMUNDO *(ao ver Úrsula)*

Ah! minha senhora...

ÚRSULA *(entrando)*

Senhor Clarimundo. *(Dá-lhe a mão)* dona Helena?... o seu médico, que também é o meu, acaba de dar-me notícias que me afligiram... e corri...

CLARIMUNDO

Que pensa ele?...

ÚRSULA

Por ora nada de positivo; porque, pelo que diz, nem pode fazer perfeito exame da doente no estado em que ela se achava...

CLARIMUNDO

É verdade... terríveis fenômenos nervosos...

ÚRSULA

E agora? como está dona Helena?

CLARIMUNDO
Dorme sossegada.

ÚRSULA
Se o permite, esperarei que ela acorde.

CLARIMUNDO
Oh! eu agradeço muito a vossa excelência o interesse que toma por Helena... o dia vai ser talvez de amargurado pranto... vossa excelência também há de chorar... pois que é sensível... quer ver... minha filha no horror dos seus tormentos... Adriano sobe a escada... venha... entre...

ÚRSULA
Senhor Clarimundo...

CLARIMUNDO
Por quem é... (*Oferece-lhe a mão*) Desejo ficar só com Adriano.

CENA III

Clarimundo, que conduz Úrsula até à porta e volta severo de braços cruzados – Adriano pálido e desfigurado.

ADRIANO
Senhor Clarimundo... (*Silêncio de Clarimundo*) foi-me de martírios a noite... (*Silêncio*) tenho sofrido muito... (*Silêncio*) porque me olha assim?... poupe-me... (*Silêncio*) ah Sr. Clarimundo... (*Clarimundo vai fechar e tira a chave da porta do interior*) Por que fecha essa porta?...

CLARIMUNDO
Ontem um homem que eu supunha honrado, e a quem oferei o perdão de vergonhosos desatinos, prometeu-me solenemente não tornar a jogar, e ser digno de sua esposa; e ontem mesmo ele jogou, e mentiu à fidelidade conjugal, à honestidade, e ao brio: como é que devo hoje qualificar esse homem?...

ADRIANO

Senhor Clarimundo! vossa senhoria me insulta!...

CLARIMUNDO

Fale baixo...

ADRIANO

Abusa do respeito talvez excessivo...

CLARIMUNDO

Desgraçado! Helena está em perigo de morte, e aos gritos do algoz.

ADRIANO (*correndo à porta*)

Helena!... (*Volta*) a chave daquela porta!... a chave!...

CLARIMUNDO

Jogador desenfreado e vicioso, deixa que morra em paz a tua vítima antes de sentir a fome e o horror da miséria a que a reduziste! amante da mundanaria: adúltero ostentoso, o teu lugar não é mais ao lado da honestíssima esposa que ultrajaste, é no lodo do lupanar e nas orgias da devassidão!...

ADRIANO

Oh!... é muito!... é muito!... mas... a chave daquela porta! eu quero ver Helena...

CLARIMUNDO

De joelhos, réprobo da sociedade e de Deus! de joelhos! e verte lágrimas que te queimem tanto as faces, e rompe em gemidos, que te rasguem tanto o peito, que possam merecer o perdão da tua ignomínia!...

ADRIANO

Senhor Clarimundo! é demais!... quaisquer que sejam os meus erros... as minhas loucuras, só meu pai poderia impunemente injuriar-me assim... proíbo-lhe que me fale desse modo!

CLARIMUNDO

Teu pai!... teu pai se envergonharia de tal filho... teu pai te amaldi... talvez te amaldiçoasse... se eu fosse teu pai...

ADRIANO

Não! não!... meu pai não mealaria tão cruelmente!... meu pai se arrependeria de me haver deixado vinte e seis anos no deserto do desprezo e sem a sua bênção!... meu pai encontrando-me envilecido, culpado, se faria meu juiz; mas só para absolver-me num grito do coração!...

CLARIMUNDO

Desgraçado!... e tu... (*Em crescente comoção*)

ADRIANO

Não! não!... meu pai não seria execrador implacável; meu pai sentiria no seu seio os tormentos que dilaceram o seio de seu filho!... meu pai, revoltado contra mim, no ímpeto de cólera justíssima levantaria a mão para amaldiçoar-me; mas a sua mão descendo sobre a minha cabeça, faria o sinal de bênção...

CLARIMUNDO

Adriano!... (*Vivíssima comoção*)

ADRIANO

Não! não! meu pai... ah! para que falou de pai ao enjeitado... ao proscrito da família, ao inocente condenado no ventre materno?... se eu tivesse meu pai! Oh!... meu pai não enjeitaria segunda vez o infeliz que não tem culpa de ter nascido!...

CLARIMUNDO

Adriano!... Adriano!...

ADRIANO

Não! não! não! meu pai, vendo-me na maior desgraça, na aflição mais despedaçadora, meu pai... oh!... meu pai não me amaldiçoaria, meu pai me estenderia os braços, me diria perdão!... choraria

comigo... meu pai, que sem dúvida amou minha mãe, não me negaria a chave daquela porta... (*Chorando*) meu pai...

CLARIMUNDO (*chorando também*)

Mas... eu sou teu pai!... meu filho!... eu te perdoo!... meu filho!

ADRIANO

Oh!... oh!... meu pai!... (*Cai de joelhos: abraçam-se*)

CLARIMUNDO

Adriano!... meu filho!... meu filho!...

CINCINATO (*dentro*)

Eu e o meu Doutor...

(*Clarimundo e Adriano enxugam as lágrimas, etc.*)

CENA IV

Clarimundo, Adriano, Cincinato e o Dr. Gonçalves.

CINCINATO

O Dr. Gonçalves...

CLARIMUNDO e ADRIANO

Senhor Doutor...

GONÇALVES

Meus senhores... estou às ordens...

CLARIMUNDO

A nossa doente dorme depois de longo sofrer: teve esta noite vômitos, síncope, delírio, e ataques nervosos que nos alvoroçaram; o Sr. Doutor verá o que receitou e lhe fez aplicar o seu colega assistente; nós, porém, queremos um médico, que vele ao pé da nossa querida Helena.

GONÇALVES

Esperarei junto dela pelo meu colega. O sono, sendo tranquilo e reparador, é de bom agouro; mas também é em certos casos muito conveniente observar o sono.

CLARIMUNDO

Venha, Sr. Doutor; conte-nos seus raciocínios com a mais forte emoção moral... tenha a bondade de entrar... (*A Adriano que se adianta*) Fica, Adriano, eu to peço.

(Vai-se com Gonçalves)

CENA V

Adriano e Cincinato.

ADRIANO

Vês?... eu sou um miserável condenado!... minha mulher está mal e me fecham a porta do seu quarto... isto quer dizer que eu fui o miasma da infecção... que eu sou o assassino de Helena!

CINCINATO

Tem paciência e espera: nas senhoras os nervos são revolucionários que fazem muito fumo com pouco fogo; cá por mim não te proibia a entrada na câmara de Helena; pelo contrário, para ressuscitar a moribunda receitava um abraço e um beijo do marido.

ADRIANO

Cincinato! (*Vai a porta e volta com aflição*)

CINCINATO

Falo sério; desde que se falou em fenômenos nervosos, fiquei mais esperançoso. Deus nos conservará dona Helena... e com tanto que te cures também da...

ADRIANO

Basta...

CENA VI

Adriano, Cincinato e Clarimundo.

CLARIMUNDO

Helena continua a dormir tranquilamente; o Doutor ficou à sua cabeceira, e exige que esperes o seu chamado para te mostrares a tua mulher.

ADRIANO

E que julga ele?

CLARIMUNDO

Parece animado: observando o sono, a respiração e a fisionomia de Helena, mostrou-se contente...

ADRIANO

Oh! que ela viva!... é de sobra para meu castigo o que estou sofrendo; porque é castigo, é punição que Deus me inflige... (*Batem palmas*) pode entrar.

CENA VII

Adriano, Cincinato, Clarimundo e Venceslau.

ADRIANO

Ah!

VENCESLAU

Criado muito humilde de vossa excelência.

CLARIMUNDO (*a Cincinato*)

Quem é este maltrapilho?

CINCINATO (*a Clarimundo*)

Um ratazana... usurário petrificado...

VENCESLAU (*a Adriano*)

Criado muito humilde que vem receber as ordens de vossa excelência... como não o encontrei no escritório...

ADRIANO

Desculpe; o meu amigo Fábio assegurou-me que se tinha entendido com o senhor sobre o nosso negócio...

VENCESLAU

O Sr. Fábio nem me falou, nem me apareceu, e com a devida vênia, não havia de que falar; porque o prazo é fatal.

ADRIANO (*perturbado*)

Fábio!... é impossível!...

VENCESLAU

É tão possível, como é certo que o prazo fatal... chegou... e...

ADRIANO

Senhor... eu pensava... (*Agitadíssimo*) tenha a bondade de acompanhar-me... (*Indo*)

VENCESLAU

Pois não! eu sou o mais humilde criado de vossa excelência... (*Indo*)

CLARIMUNDO

Para que segredos inúteis?... (*A Venceslau*) senhor... senhor...

VENCESLAU

Venceslau Inocência da Caridade para servir a vossa excelência.

CLARIMUNDO

Senhor Venceslau, o Sr. Adriano não pode atender hoje a negócio algum... tem a esposa entre a vida e a morte!...

VENCESLAU

Que desgraça! juro que sinto minto... mas o prazo é fatal.

CLARIMUNDO

E quem lhe pede que sinta ou não sinta? (*Consulta o relógio*) Ao meio-dia em ponto pode ir no escritório do Sr. Adriano levantar o seu depósito de seis contos de réis. (*Confusão de Adriano*)

VENCESLAU

Humilde criado de vossa excelência... como o prazo era fatal... ah! ah! ah! (*rindo*) eu não desconfiava... mas nos casos em que o prazo é fatal... humilde criado de vossa excelência... (*Vai-se*)

CLARIMUNDO

Esperem-me ambos. (*Entra no gabinete*)

CENA VIII

Adriano e Cincinato.

CINCINATO

Coragem! o maior perigo vai passar...

ADRIANO

Oh!... e como!... este depósito... eu não tenho dinheiro...

CINCINATO

Tinha-o eu... não para o jogo, nem para Dionísia... tinha-o eu, e te esquecias de mim; mas o Sr. Clarimundo não está pobre... é rico, e isso é muito melhor para nós ambos...

ADRIANO

Rico!... e salva-me!... (*Silêncio*) mas... se não fosse ele... Cincinato! há seis meses eu era o mais feliz dos esposos e o meu crédito igualava à minha probidade; vida serena em casa, estima geral no público,

fortuna próspera abençoavam a minha honra, o meu amor e o meu trabalho: oh!... porque não morri há seis meses!...

CINCINATO

Para dona Helena não ficar viúva... em toda esta meada eu sinto a mão de Deus sobre a cabeça do anjo.

ADRIANO

O jogo e uma mulher perdida, destruíram em breves semanas, como dois incêndios, a minha fortuna, a minha honra e mancharam o meu amor... e pelo jogo, que é vício aviltante, e por essa mulher, que todos podem comprar, hoje um usurário me faria recolher à prisão e marcar na minha frente o selo da maior ignomínia; porque hoje ele poderia ter-me chamado... estelionatário... ladrão... Oh!... eu começo a pressentir que estou salvo; mas a vergonha e o opróbrio estão aqui! (*Aponta o coração*) na consciência algoz.

CENA IX

Adriano, Cincinato e Clarimundo.

CLARIMUNDO (*dando um papel a Adriano*)

Entrega esta carta de ordem à casa comercial a que é dirigida, e que a espera desde ontem: em meia hora no teu escritório, em uma aqui. Se tens a desgraça de dever a Fábio, manda imediatamente pagar-lhe: Cincinato, acompanha-o e volta com ele. Vai... apresenta-te... (*A Adriano*) então?... vai! (*Adriano ajoelha-se*) Que é isto?...

ADRIANO (*trêmulo e comovido*)

Helena... que eu não vi... (*Soluçando*)

CINCINATO

Ele tem razão!... (*Enternecido*)

CLARIMUNDO (*comovido*)

Vem... um instante só... da porta do quarto... (*Leva-o pela mão; e logo depois volta, trazendo-lhe um pouco à força*)

CINCINATO (*comovido*)

Querem atirar-me no sentimental... eu protesto.

CLARIMUNDO (*abraçando Adriano*)

Vai com Deus!...

(*Cincinato vai-se, levando Adriano*)

CENA X

Clarimundo e logo José.

CLARIMUNDO (*acompanha os dois até à porta; enxuga as lágrimas; senta-se, parece sofrer; levanta-se, vai à porta do interior e chama com voz abafada*) José! (*Entra José*) Dize à Sra. dona Úrsula que eu lhe peço o favor de dar-me uma palavra.

(*Vai-se José; Clarimundo vai trancar a porta de entrada e senta-se até que Úrsula entra*)

CENA XI

Clarimundo e Úrsula.

ÚRSULA

Aqui estou.

CLARIMUNDO

E Helena dorme ainda?...

ÚRSULA

Dorme: deixei a criada no quarto para que ela, no caso de despertar, não se assuste, vendo-se a sós com o Doutor que lhe é desconhecido.
(*Clarimundo vai trancar a porta do interior*) Porque tranca a porta?...

CLARIMUNDO

Para que ninguém perturbe a nossa conversação. vossa excelência faz-me a graça de sentar-se? (*Aproximando sua cadeira*)

ÚRSULA (*sentando-se*)

E o senhor?

CLARIMUNDO

Ficarei de pé.

ÚRSULA

O senhor me confunde...

CLARIMUNDO

Confundi-la-ei talvez. O que me trouxe do Rio da Prata, minha senhora, foi o cuidado da sorte de Helena e de Adriano; a este vim achar arruinado pelo jogo e pela ligação com uma mulher corrupta; àquela encontrei resistindo nobremente a um plano infame de sedução e martirizada pelo conhecimento da infidelidade do marido. É vossa excelência quem me pode explicar completamente estes fatos.

ÚRSULA

É uma inquirição! com que direito?...

CLARIMUNDO

Com o direito do passado que a acusa nas circunstâncias do presente! vossa excelência não há de matar impune uma virtuosa esposa.

ÚRSULA

Senhor!... (*Levantando-se*).

CLARIMUNDO

Há vinte e seis anos vossa excelência, que então contava com dezessete, casou (*com abalo*) com um velho... miserável milionário... de quem enviuvou dois anos depois, herdando-lhe toda a fortuna...

ÚRSULA

Meus pais pobríssimos me impuseram esse sacrifício... sabe-o!...

CLARIMUNDO

Não me importa isso! mas vossa excelência, viúva, bela e rica, apaixonou-se pelo mais nobre e distinto cavalheiro, por Maurício de Araújo, que teria sido seu marido, se não fosse eu, que o arredei desse enlace, e que o fiz desposar a linda, a fiel e honestíssima Helena...

ÚRSULA

Senhor Clarimundo!

CLARIMUNDO

Daí dois ódios... a mim, ódio à rival preferida! vossa excelência não o pode negar, perseguiu Helena com a intriga, com o aleive, procurou nodoá-la, atentou contra a mais pura amizade e chegou ao ponto de denunciar-me a Maurício como o amante de sua mulher...

ÚRSULA

Oh!... eu o acreditei e tinha raiva, porque eu me supunha duas vezes ofendida... duas vezes... e era demais para uma mulher que havia sido amada!

CLARIMUNDO

E agora?... eu fui desde vinte anos o tutor de Helena, filha da pobre Helena que morreu como seu nobilíssimo esposo há vinte anos; e agora? que explica esse ódio de além túmulo?... por que agora é vossa excelência que se finge amiga de Helena, e é seu irmão que perverte Adriano, e que se empenha em seduzir-lhe a esposa?... por que agora é vossa excelência que excita aos ciúmes da infeliz filha da sua antiga rival, e é o seu dinheiro, minha senhora que paga as traições de Fábio, e o envenenamento moral de Adriano?... Úrsula! és tu, Úrsula, que estás assassinando Helena!...

ÚRSULA

Não! por Deus, eu juro que não! odiei Helena, a mãe, eu amo Helena, a filha... Sr. Clarimundo, é verdade: Fábio me arrastou a esta casa... me comprometeu... me expôs a injustíssimas suspeitas... oh! tudo mais é falso... dou dinheiro a meu irmão, porque é ele só o único amor que me deixaram no mundo! mas eu não atraíçoei Helena! é falso!...

CLARIMUNDO

E Adriano... o pervertido...

ÚRSULA

Não sei... não sei... mas... Adriano... Adriano...

CLARIMUNDO

Verdade, Úrsula!...

ÚRSULA

É seu protegido... talvez seu filho... eu queria detestá-lo... e não posso!

CLARIMUNDO

Úrsula!... tu foste má... tu és... tu mentes, e Deus te castiga, Úrsula! antes do teu casamento nós nos amamos.

ÚRSULA

Clarimundo! eu quero sair... abre-me a porta...

CLARIMUNDO

Houve em nosso amor uma hora de delírio...

ÚRSULA

Oh! eu quero sair... abra-me a porta, ou grito!

CLARIMUNDO

O fruto do amor criminoso que se escondeu ao mundo, me foi confiado... depois a traição do casamento com a riqueza do velho milionário fulminou o meu amor... o que eu senti então foi ódio e

raiva... Úrsula! eu te supus mãe desnaturada, e vinguei-me!...
recebeste o anúncio da morte de nosso filho... mas...

ÚRSULA

E... então?... (*Ansiosa*)

CLARIMUNDO

Meu filho... não... não... tu foste má... tu és má... (*Indo abrir a porta*)
podes sair...

ÚRSULA

Oh! não!... fala!... não quero sair... acaba!

CLARIMUNDO

Pois bem... eu menti... nosso filho vive!...

ÚRSULA

Meu filho!...

CLARIMUNDO

Castigo de Deus! tu lhe cavaste a perdição... procuraste perverter-
lhe a esposa... armaste contra ele com o teu dinheiro a perversidade
de teu irmão...

ÚRSULA

Adriano!... meu filho!...

CLARIMUNDO

Castigo de Deus! é completa a ruína de nosso filho, e hoje,
atracado por Fábio, perseguido pelos credores, já suspeito de um
crime... a prisão... a desonra.

ÚRSULA

Oh! é falso! é impossível! inda há pouco ele estava aqui...

CLARIMUNDO

Sim e foi escapar à perseguição que o ameaçava aqui mesmo...

ÚRSULA

E tu que és seu pai... e tu?...

CLARIMUNDO

Não te disseram que estou pobre?...

ÚRSULA

Oh! tanto melhor! eu ainda sou rica... eu somente o salvarei! onde está meu filho?... onde está?...

CLARIMUNDO

Úrsula! os compromissos são enormes...

ÚRSULA

Não excederão ao que possuo... e Adriano é meu filho... é... eu o sinto no coração... e tu não sabes talvez... mas tenho um sinal para reconhecê-lo... onde está ele?... depressa... eu quero ter a dita de salvar meu filho!...

CLARIMUNDO

Úrsula!... serás capaz de tão grande sacrifício?...

ÚRSULA

Tudo... tudo... tudo... e não é sacrifício... é glória... depressa...

CLARIMUNDO

Deus negou-te essa consolação: sou mais rico do que tu, Adriano está salvo.

ÚRSULA

Ah!... embora!... abençoado sejas!... abençoado em nome de meu filho...

ADRIANO (*batendo devagar*)

José... abre, José!

ÚRSULA (*querendo correr*)

Meu...

CLARIMUNDO (*detendo-a*)

Contenha-se: Adriano sabe já que sou seu pai, mas deve ignorar quem é sua mãe, até que Helena esteja livre de perigo. (*Em meia voz*)

ÚRSULA (*abatendo-se*)

Ah!

ADRIANO (*batendo devagar*)

José... José...

CLARIMUNDO

É preciso mesmo que ele a não encontre ao lado de Helena: profundamente ressentido da mais vil perfídia de Fábio, volta sem dúvida suspeitoso... desabrido... e seria cruel para todos nós... e sobretudo para ti... Úrsula.

ÚRSULA

Meu Deus!... meu filho me aborrece...

ADRIANO (*dentro*)

Quem fala aí?... José! abre.

CLARIMUNDO

Confia em mim, Úrsula: entra neste gabinete e espera-me.

ÚRSULA

Tenha compaixão da mãe de seu filho. (*Entra no gabinete*)

CENA XII

Clarimundo, que abre a porta, e Adriano.

ADRIANO

Meu pai! e Helena?

CLARIMUNDO

Não há novidade.

ADRIANO

Ah!... (*Respirando*) mas quando cheguei à porta do quarto antes de sair, estava lá dona Úrsula... já se retirou?...

CLARIMUNDO (*afastando-o do gabinete*)

Fala baixo: porque o perguntas?...

ADRIANO

Eu não quero a irmã de Fábio junto de minha mulher.

CLARIMUNDO

Mais baixo: que sabes de dona Úrsula?

ADRIANO

Acabo de abrir os olhos... fui indignamente comprometido e atraído por Fábio; não creio que essa mulher seja alheia...

CLARIMUNDO

Simples desconfiança... eu também desconfiei; mas reconheci que fui injusto. D^a. Úrsula está inocente; debes respeitá-la.

ADRIANO

É irmã de Fábio: rogar-lhe-ei o favor...

CLARIMUNDO

Adriano... quero que ames e veneres essa senhora...

ADRIANO

Oh! mas é impossível!... meu pai... ela deve sair da minha casa.

CLARIMUNDO

Silêncio! És capaz de dominar-te para obedecer-me?...

ADRIANO

Meu pai...

CLARIMUNDO

Tu não podes fechar a porta de tua casa a dona Úrsula... deves respeitá-la e amá-la, porque... silêncio... domina-te... ela é tua mãe...
(*Em voz muito baixa*)

ADRIANO

Oh!... minha... (*Grande comoção*)

CLARIMUNDO

Silêncio! Há vinte e seis anos que eu a fiz acreditar na tua morte... agora escuta: as emoções do reconhecimento da mãe e do filho poderiam ser fatais a Helena; tu, Adriano, domina-te: filho do amor misterioso, não podes ser o primeiro a romper o segredo do teu nascimento, envergonhando tua mãe e abatendo-a na sociedade. Espera que Úrsula fale... é o seu dever de mãe, e o seu direito de senhora...

ADRIANO (*com esforço*)

Obedecerei... ela porém... (*Com doçura*) minha mãe já sabe... que eu sou seu filho?...

CLARIMUNDO (*pronto*)

Não... e portanto bem vêes que não podes... oh! sinto rumor lá dentro...

ADRIANO

Eu vou...

CLARIMUNDO

Espera a ordem do médico: o rumor não é de aflição... foi Helena que despertou... eu volto para levar-te. (*Vai-se*)

ADRIANO

Meu Deus...

CENA XIII

Adriano e logo Úrsula.

(Adriano aflito segue Clarimundo até à porta e volta a um sinal deste, passeia agitado; Úrsula sai, hesitando, do gabinete; silêncio de ambos... luta íntima... Úrsula quer ir-se e volta... olham-se, tremem, ânsia de ambos: não podem mais conter-se, atiram-se um ao outro)

ÚRSULA *(grito abafado)*
Meu filho!...

ADRIANO *(o mesmo)*
Minha mãe!... *(Abraçam-se)*

ÚRSULA *(Abre a camisa de Adriano e examina o peito esquerdo)*
Oh!... é meu filho! é meu filho!... *(Abraçam-se: pranto de ambos)*

CENA XIV

Adriano, Úrsula e Clarimundo.

CLARIMUNDO

Helena despertou... o Doutor está rindo-se... ah! e os senhores aqui fora faltavam-me ambos à palavra!...

ADRIANO
Que felicidade meu pai!

ÚRSULA
Que seja completa! oh Clarimundo! dá-me o pai de meu filho para que eu o apresente a todos!

CENA XV

Adriano, Úrsula, Clarimundo, Dr. Gonçalves e logo Helena, pálida, cabelos soltos e vestida de branco.

GONÇALVES

Parabéns! a moléstia revelou doce glória! a doente é uma esposa abençoada por Deus; e o marido, se foi leviano como dizem, tem o perdão pela dita, e vai em breves meses ser preso por mais um laço!...

ADRIANO (*correndo*)

Oh, minha Helena!... minha Helena!...

HELENA (*aparecendo à porta e abrindo os braços*)

Adriano!... meu marido!...

ADRIANO (*de joelhos*)

Anjo de amor! de perdão! anjo de bem-aventurança na terra!

CENA XVI

Adriano, Úrsula, Clarimundo, Dr. Gonçalves, Helena e Cincinato.

CINCINATO

Tudo feito! perdão, minhas senhoras... mas eu que por aqui arranjaram-se as coisas ainda melhor, do que eu as arranjei lá fora!...

CLARIMUNDO

O Doutor fica sendo um amigo da família; Cincinato já o é; saibam pois o que em breve saberá a sociedade: Minha Helena! abraça o pai e a mãe de teu marido!...

HELENA

Ah! como sou feliz!...

(*Abraçam-se os quatro*)

CINCINATO

Por esta não esperava eu!... mas eis aí como pode ter sua poesia um casamento de velhos... que disse eu?... perdão minha senhora, isto é só com o noivo!

ÚRSULA (*apresentando Helena e Adriano*)

Meu filho! adora-a!... Helena é santa... (*Adriano abraça Helena*)

CINCINATO

Se o é!... (*Comovido*) Este milagre Deus fez só por ela!... (*Soluçando*)
Estou fora do meu elemento... declaro-me enternecido e fica declarado: Cincinato Quebra-louça... Assinado... Por cima de estampilha.



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com